

**INFORMAÇÃO DE CONSULTA**

Este é um capítulo da obra

2001, **Teixeira, José A** **VERBALIZAÇÃO DO ESPAÇO: Modelos mentais de *frente/trás***, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (Colecção Poliedro), Braga, (ISBN 972-98621-4-1).

Na sua totalidade, a referida obra é constituída, aqui, pelas seguintes partes:

- A Verbalização do Espaço -Cap. I: Para uma fundamentação da Semântica Cognitiva
- A Verbalização do Espaço -Cap. II: O homem e o(s) seu(s) espaço(s)
- A Verbalização do Espaço -Cap. III: Localização e orientação intrínseca
- A Verbalização do Espaço -Cap. IV: Modelos mentais dos marcadores *frente/trás*
- A Verbalização do Espaço -Cap. V: *Frente/trás* e outros marcadores
- A Verbalização do Espaço -Cap. VI: Organização morfo-semântica de *frente/trás*
- A Verbalização do Espaço -Cap. VII: O espaço do Tempo: *frente/trás* e a temporalidade
- A Verbalização do Espaço -Cap. VIII: Conclusões e Bibliografia

## ÍNDICE

### 5. **FRENTE/TRÁS E OUTROS MARCADORES DA FRONTALIDADE: RELAÇÕES CONFIGURATIVAS**

- 5.1. *Frente/trás* e [alto]/[baixo]: as equivalências entre frontalidade e verticalidade
- 5.2. *Frente/trás* e [distância]
  - 5.2.1. [distância] e o papel do movimento entre Fg e Cfg
  - 5.2.2. [distância] e combinatórias sintáctico-semânticas
- 5.3. *À frente/ (a)diante*
  - 5.3.1. *À frente/atrás* e *diante/nas costas*: equivalências e divergências configurativas
  - 5.3.2. A combinatória Prep+*diante* e implicações nos modelos configurativos
  - 5.3.3. *(A)diante/à frente*: identidades e divergências entre modelos configurativos
    - 5.3.3.1. *(A)diante* e graduação da direccionalidade frontal
    - 5.3.3.2. Relações hiponímicas entre *frente* e *(a)diante*
    - 5.3.3.3. A estruturação linguístico-cognitiva de *diante* temporal
    - 5.3.3.4. *(A)diante*: relações morfo-semânticas e modelos mentais
- 5.4. *Diante/ante/perante*: equivalências e oposições
  - 5.4.1. [encaramento] e neutralização da orientação intrínseca
  - 5.4.2. [encaramento] e localização hierarquizante
- 5.5. Marcadores da frontalidade (prospectiva) e [encaramento]: quadro síntese

5.

## ***FRENTE/TRÁS*** **E OUTROS MARCADORES DA FRONTALIDADE: RELAÇÕES CONFIGURATIVAS**

### **5.1. *Frente/trás* e [alto]/[baixo]: as equivalências entre frontalidade e verticalidade**

O eixo da verticalidade pode, por vezes, ser utilizado em substituição do da horizontalidade. E, ao contrário do que poderia parecer lógico esperar, a equivalência não é necessariamente idêntica mesmo entre línguas muito próximas, o que mais uma vez prova que a configuração espacial é uma organização linguístico-cognitiva e não lógico-matemática dotada de universalidade. E qual é a correspondência que os falantes do português fazem entre os dois principais eixos da espacialidade, a verticalidade e a horizontalidade frontal?

Em francês, *haut* parece apontar preferentemente para a anterioridade, para *trás*: *haut antiquité* significa *remota antiguidade*. Em português, *alto* parece ter essencialmente o sentido de *longínquo*, mas aceitando muito melhor a posterioridade.

Pensamos que na configuração do eixo da horizontalidade se sobrepõem essencialmente duas vertentes:

1- alto  $\Rightarrow$  longe de um ponto de referência ( $P_T$ );  $P_T$ =agora $\Rightarrow$ alto= muito *atrás* (no tempo).

2- alto  $\Rightarrow$  positividade espacial $\Rightarrow$ posterioridade $\Rightarrow$  *à frente* (no tempo).

Parece-nos que o português traduz no respectivo modelo mental de *alto* a segunda correspondência, enquanto o francês, por exemplo, modeliza a primeira. Por isso é que uma expressão como "*haut antiquité*" pode ser unívoca em francês, mas pode tornar-se ambígua em português.

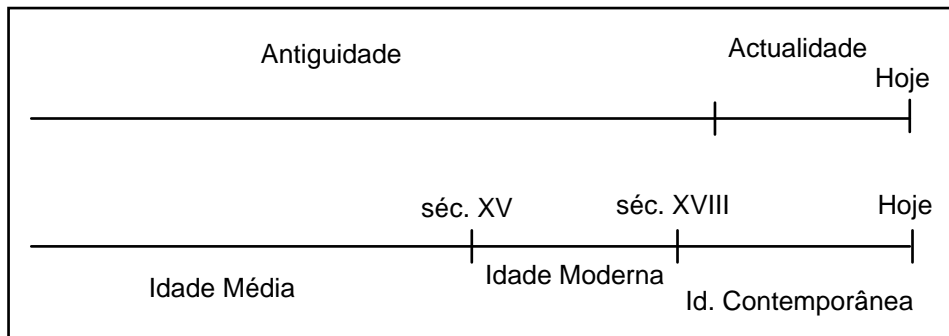
Fizemos um inquérito para tentar comprovar até que ponto isto pode acontecer.

Apresentámos aos alunos da disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos<sup>(1)</sup> o seguinte teste (só respondiam os que tiveram o português como única língua na infância):

---

<sup>(1)</sup> No ano lectivo 1996/97.

Ponha uma cruz/ um X nos pontos que correspondem a "alta Antiguidade" e "alta Idade Média" :



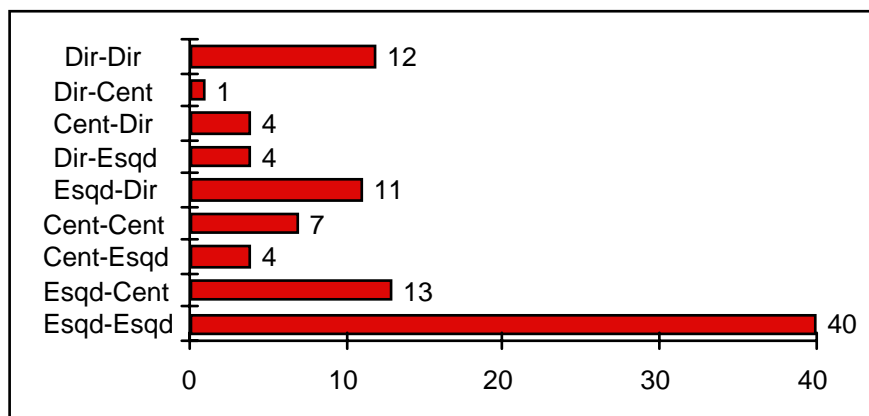
Responderam 96 alunos. As respostas foram sintetizadas da seguinte forma:

- Sinal à esquerda (E), quando a marca X foi colocada claramente na primeira metade do segmento de recta considerado (Antiguidade/ Idade Média).
- Sinal ao centro (C), quando a marca X foi colocada sensivelmente no centro do segmento de recta considerado (Antiguidade/ Idade Média).
- Sinal à direita (D), quando a marca X foi colocada claramente na segunda metade do segmento de recta considerado (Antiguidade/ Idade Média).

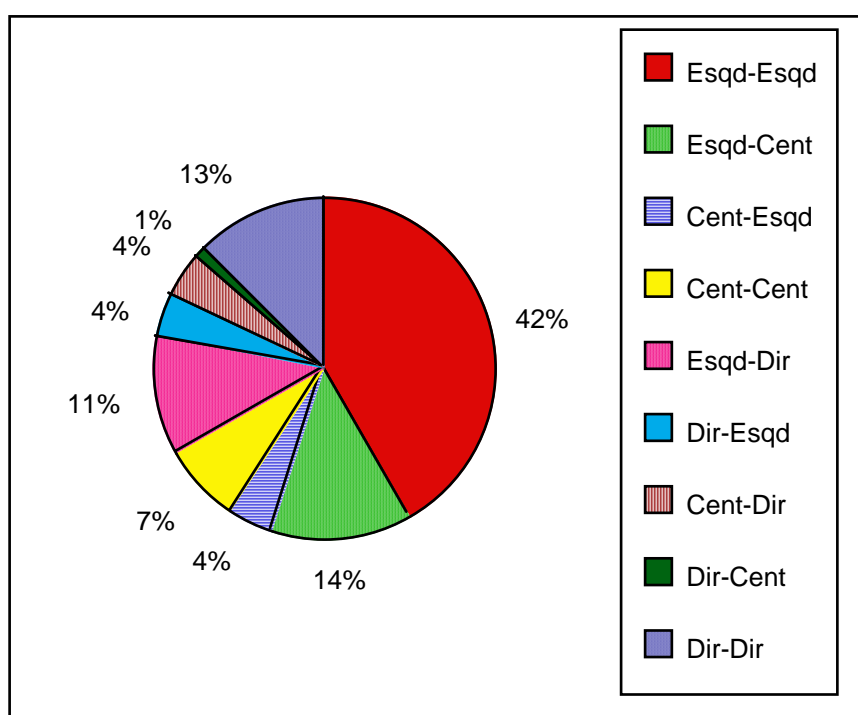
Havia, por conseguinte, 9 hipóteses de resposta. Em esquema, os resultados foram os seguintes:

Antiguidade	Esq.	Cen.	Dir.	Esq.	Cen.	Dir.	Esq.	Cen.	Dir.
	X				X				X
Idade Média	X				X				X
	40 escolhas			13 escolhas			11 escolhas		
Antiguidade	Esq.	Cen.	Dir.	Esq.	Cen.	Dir.	Esq.	Cen.	Dir.
		X				X			
Idade Média	X				X				X
	4 escolhas			7 escolhas			4 escolhas		
Antiguidade	Esq.	Cen.	Dir.	Esq.	Cen.	Dir.	Esq.	Cen.	Dir.
			X					X	
Idade Média	X				X				X
	4 escolhas			1 escolha			12 escolhas		

Se quisermos visualizar em número de respostas:



Em percentagens:



Estes resultados deveriam deixar-nos surpreendidos, já que "alto" nas expressões "Alta Idade Média" e "Alta Antiguidade" possui um significado preciso, técnico-científico: "recuado, na parte mais à esquerda (=anterior, atrás) da linha do tempo". O que seria de esperar eram respostas à "Esquerda", nos dois itens, perto dos 100%.

Como se vê, no entanto, a quantidade das respostas que pode ser considerada certa (duas respostas à esquerda) é relativamente reduzida, não chegando a metade da percentagem.

Isto prova que não é válida, em português, a identificação entre "alto" e "atrás", "recuado no tempo", como o é em francês. Não é por acaso que os dicionários do português e do francês valorizam de maneira diferente estas acepções de alto.

No *Grand Robert*, a segunda acepção (entre várias) de *haut* como advérbio é exactamente esta:

En un point reculé dans le temps.fi **Loïn**. *Origine qui remonte haut*. □ **Ancien** (Cit 1). *Si haut qu'on remonte dans l'histoire. Remonter plus haut, reprendre les choses de plus haut, dès l'origine des faits*.

E para ilustrar, são apresentadas duas citações:

"Quelque haut qu'on puisse remonter pour rechercher dans les histoires les exemples des grandes mutations (...)" BOSSUET, Oraison funèbre de Henriette de France  
 "(...) Pour ne point remonter trop haut, fixons-nous à la renaissance des lettres."  
 D'ALEMBERT, Disc. préliminaire de l'Encycl.,(E.,t.I, p.55.

Repare-se que a tradução destas duas citações para português **não admite** a correspondência "*haut*"⇒"*alto*", mas apenas "*haut*"⇒"*atrás*", o que confirma que o francês faz facilmente "*haut*" equivaler a "*atrás*", enquanto o português não.

O mesmo se confirma se olharmos à perspectiva da configuração espaço-temporal da escrita. Em português esta é preferentemente configurada entre os marcos **[atrás→à frente]** e não como em francês entre **[alto→baixo]**. No mesmo *Grand Robert* se pode confirmar:

PLUS HAUT: précédemment (dans l'ordre de déroulement de la lecture d'un texte).  
 ⇒ **Ci-dessus, supra**. *Reportez-vous plus haut, voir plus haut*.

Os dicionários de português ou não registam a acepção "*alto*→*recuado*, *atrás*" (por exemplo, o Dicionário Editora, 8ª Ed), ou então apresentam-na como secundária e sempre com a exemplificação "*alta antiguidade*" (Caldas Aulete, 5ª Ed.).

A este respeito é curioso verificar que o Dicionário Aurélio regista como 18ª acepção de "*alto*" "*Afastado no tempo; remoto: a alta antiguidade*" e como 19ª "*Adiantado no seu curso: alta noite*". Quer-se dizer: duas acepções juntas que podem ser consideradas como antónimas uma da outra! O mesmo faz o dicionário de Augusto Moreno. Regista em *alto* as duas acepções antagónicas : "*remoto; [...] adiantado (no tempo)*". E a entrada *remoto* aparece como "*distante, longínquo, acontecido há muito tempo*".

Como é que isto se compreende? Facilmente. Pensamos que a acepção "*alto*⇒*recuado*, *atrás*" não pertence ao modelo mental de "*alto*" em português, mas é apenas aceite e usada num sentido técnico, oriundo do francês. A espacialidade de "*alto*", em português, não é retrospectiva, como em francês, mas tendencialmente prospectiva.

alta noite  
 altas horas da madrugada  
 O dia já vai alto / A noite já vai alta  
 Mar alto (= mar longe, distante "para a frente")

Repare-se que o eixo espacial que aqui está subjacente como traduzindo *alto* é o da horizontalidade e não o da verticalidade. *Alto/a*, pode ser substituído por *avançado*, mas não por *cimeiro/a*. Mesmo em

1) O dia já vai alto.

não é a "altura" do Sol que está em questão, já que o mesmo valor se aplica a *noite*, onde, certamente, o Sol não é ponto de referência em altura...

Parece, assim, que mais do que outras línguas, como o francês, o português toma como prioritária a equivalência entre os valores positivos do eixo espacial:

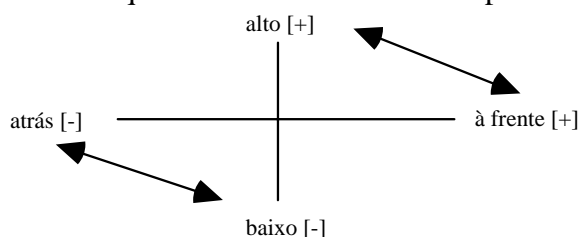
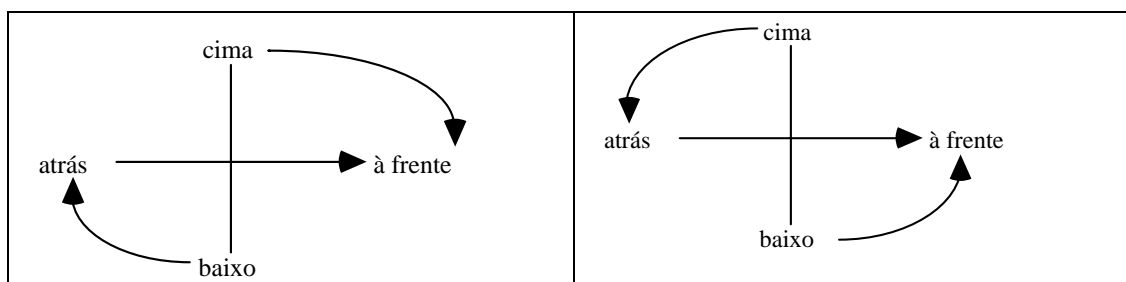


Figura 1

Só assim se compreende que tantas vezes e em tantos contextos diferentes, em português **alto**⇒**à frente** e que por isso seja confuso aplicar **alto**⇒**atrás**. Por isso, muitos professores de História encontram dificuldades quando tentam ensinar que Alta Antiguidade é o mais **atrás** possível...

Para explicitamente testarmos as equivalências *cima*⇒*frente*/ *baixo*⇒*atrás* realizámos o seguinte teste<sup>(2)</sup> :



1= *Cima* equivale a *à frente*;  
*Baixo* equivale a *atrás*.

2= *Cima* equivale a *atrás*;  
*Baixo* equivale a *à frente*.

Qual a equivalência que lhe parece mais lógica?: (Marque um X)

A equivalência 1

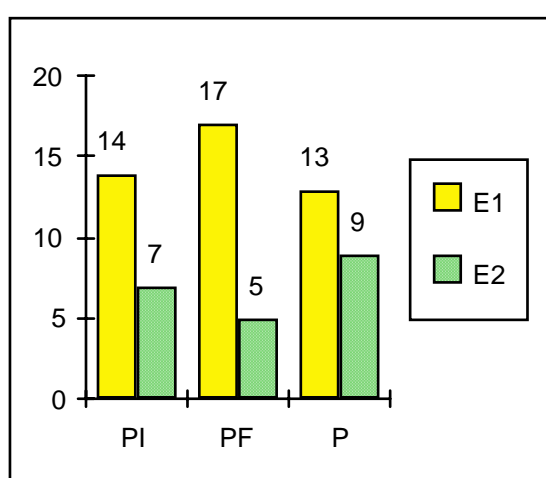
A equivalência 2

<sup>(2)</sup> Inquérito realizado nas turmas do 1º ano das Licenciaturas em Ensino do Português-Inglês (PI), Português-Francês (PF) e Português (P) da Universidade do Minho (ano lectivo 96/97). O teste foi apenas realizado pelos falantes que tiveram o Português como língua única até aos 5 anos de idade. Pediu-se que ao responder não trocassem impressões com ninguém.

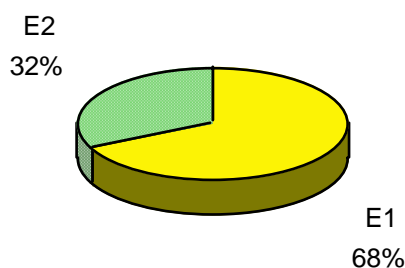
Os resultados foram:

	PI	PF	P	TOTAL
E(quival)1	14	17	13	44
E(quival)2	7	5	9	21

Como é fácil de constatar a preferência pela equivalência 1 é nítida. Em gráfico pode comprovar-se:



Resultados por turmas



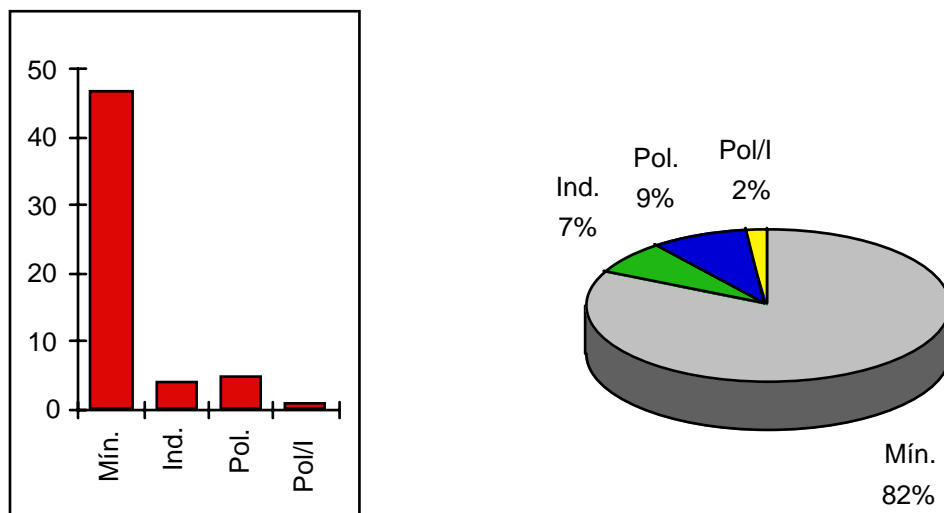
Total em percentagem

Por outro lado, em português quando se utilizam os dedos da mão para contar, começa-se normalmente pelo mínimo ou mendinho. Os franceses começam pelo polegar. Não será que a nossa forma de contar se enquadra nesta configuração mental em que "de baixo para cima" (= de um a cinco) equivale a "*de trás para a frente*"? Na verdade, o dedo mais pequeno não é o mínimo, mas sim o polegar. No entanto, ele é visto como mínimo não só porque é mais fino, mas porque está "mais abaixo" de todos, já que a posição (proto)típica da mão é com o polegar para cima. Por isso, como se começa a contar "de trás para a frente", começa a contar-se do mendinho, já que este é o dedo "de baixo", o que equivale a "mais atrás". Mais uma vez, na correspondência entre frontalidade e verticalidade, em português, "atrás" equivale a "baixo" e "alto/cima" equivale a "à frente". Coincidência?

Pedimos a um grupo de alunos que respondesse por escrito à seguinte pergunta: *Por qual dedo começa a contar?*<sup>(3)</sup> Os resultados não deixam dúvidas:

<sup>(3)</sup> Inquérito realizado numa turma do primeiro ano de Português-Inglês (Nov/96).





Começam a contar pelo dedo mínimo 47 dos alunos inquiridos (82%); pelo indicador, 4 alunos (7%); pelo polegar 5 (9%) e houve uma resposta "pelos dois" (indicador e polegar)<sup>(4)</sup>.

Para um francês este resultado é muito estranho, já que para ele "é natural" que se comece a contar pelo polegar, que em francês é considerado o primeiro dedo.

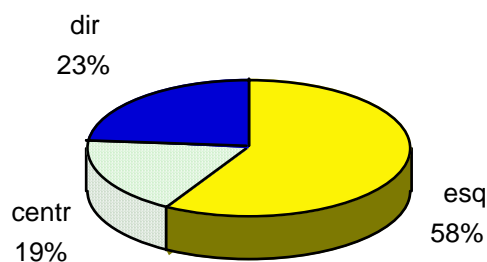
É curioso notar que, apesar de tudo, na mão é difícil, em português, dizer qual é o primeiro dedo: o mínimo está "em baixo" e começa a contar-se por ele e por isso pode ser o primeiro; mas o polegar está "em cima" (= à frente) e por isso também pode ser o primeiro. No pé o caso muda de figura: é ponto assente que o primeiro é o polegar.

É sintomático, a este respeito, verificar como o dicionário de Augusto Moreno define *Polegar*: "*O dedo ou designativo do dedo mais curto e grosso da mão*". Não diz se é o primeiro ou o último. Mas imediatamente, quando descreve o do pé: "*o primeiro e mais grosso dedo do pé*". É claro que no pé o polegar é o primeiro porque nele há uma orientação prototípica fundamental: o pé poisado no chão. E o polegar do pé é sempre o que está mais à frente.

Retomando a análise dos resultados relativos aos modelos mentais de "alto", é curioso e aparentemente inexplicável o facto de haver tantas respostas "ao centro".

Considerando a totalidade de respostas à esquerda, ao centro e à direita:

<sup>(4)</sup> Para além das respostas marginais que em todos os inquéritos aparecem, pensamos que algumas das respostas divergentes do modelo português se devem a influências de outras línguas, nomeadamente o Francês, não só através da aprendizagem feita pelos alunos, mas ainda, e sobretudo, pelo facto de alguns sempre terem residido no estrangeiro.



Esta quantidade inesperada de respostas "ao centro" explica-se, quanto a nós, não só pela não identificação entre **alto**⇒**atrás**, mas igualmente porque "alto" é identificado com o "cume", e este pode ser perspectivado "no centro". Houve várias "justificações" deste género que alguns dos inquiridos posteriormente forneceram.

Ora tudo isto vem comprovar como cada palavra, mais do que ser constituída por uma série de itens sémicos necessários e suficientes, corresponde antes a um modelo mental construído sobre a realidade. E é fácil ver como os dicionários frequentemente não têm em conta os modelos mentais quando, relativamente à espacialidade, que é aqui o assunto que nos interessa, procuram organizar, por exemplo, o significado de uma palavra como *alto*. É evidente que se esta palavra aponta, no eixo da verticalidade, para o valor positivo, representando uma linearidade ascendente, só muito dificilmente ela pode possuir, ao mesmo tempo, o valor exactamente oposto: linearidade descendente. No entanto, dicionários consagrados, como o Aurélio ou o Caldas Aulete não fogem à armadilha. Por exemplo, este último, citando um outro dicionário, apresenta como uma das vertentes de *alto* :

"[...] Profundidade: Sepultura ... com quatro (pés) de *alto* (*Dic. Acad. Lisb.*, 1ª ed.)

Seria extremamente confuso um modelo mental, neste caso ligado às coordenadas espaciais da verticalidade, que pudesse conter em si, simultaneamente, a direccionalidade ascendente e a inversa: que *alto* ⇒↑ (implicando direccionalidade ascendente) contivesse *alto* ⇒↓ (implicando direccionalidade descendente). As línguas evitam o contraditório comunicativo; por isso esta coexistência dificilmente aconteceria.

O que se passa é tão simples como isto: naquela citação, *alto* significa mesmo ...*alto*. Nunca *baixo*, *profundo/-idade*. Só que há aqui um grande pormenor: o ponto de referência. É que o mesmo objecto pode ser inserido no valor [⇒↑] ou no valor [⇒↓] conforme se utilizem dois pontos de referência opostos. É o que se passa nesta (falsa) acepção de *alto*. Concretamente:

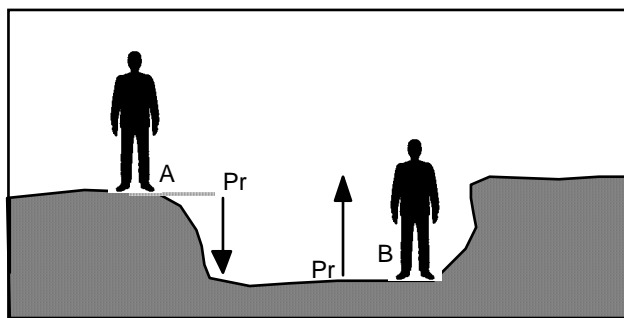


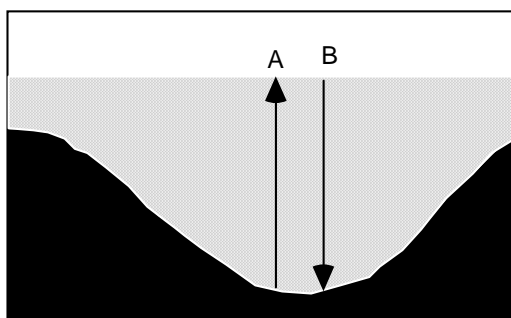
Figura 2

Como é evidente, pode dizer-se que *A cova tem quatro pés de alto* se tomarmos a posição de {B} por ponto de referência ( $P_r$ ); ou então dizer que *A cova tem quatro pés de profundidade* se tomarmos {A} por ponto de referência. O que não é correcto é pensar-se que em ambas as hipóteses o ponto de referência é o mesmo e que, por conseguinte, *alto* implica *profundidade*. Como não é difícil de concordar, o ponto de referência para medir a cova, normalmente será a base da cova. Note-se, por isso, que mesmo {A} pode dizer *A cova tem quatro pés de alto*, já que é possível, pelo que se disse, que ele adopte o ponto de referência de {B}.

O mesmo se passa com a citação que o Dicionário Aurélio faz de Camões para exemplificar *alto* :

17. Muito fundo; profundo: "Ver as nuvens do mar com largo cano/ Sorver as altas águas do Oceano." (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 18)

Tal como no exemplo anterior, a "altura" das águas tem por ponto de referência o fundo do mar, e não a superfície. Esta é o ponto de referência para a profundidade: por isso "altas águas" **equivale referencialmente** a "profundas águas", mas não é correcto dizer que "alto" significa "profundo":



A= altura das águas B= Profundidade das águas

Figura 3

O critério de equivalência referencial entre palavras não é correcto para se confirmar que duas unidades sejam sinónimas. Ou seja: o facto de eu trocar a palavra **A** pela **B** e a frase continuar com a mesma referencialidade, descrever o mesmo estado de

coisas, não significa que **A** e **B** sejam sinónimos, como em "*altas/profundas águas*". Há que não esquecer que podem estar em causa dois modelos mentais diferentes. Isto é, pode-se perspectivar a mesma realidade de forma diversa, construir um modelo mental que sirva cada uma dessas visões e utilizar as palavras adequadas para cada modelo. O que não significa que as palavras de todos os modelos tenham que ser sinónimas. Na verdade, os modelos construídos para referir uma mesma realidade podem ter perspectivas e facetas opostas. Veja-se num exemplo que não é difícil de perceber:

2) Iam em fila, caminhando uns **à frente** dos outros.

3) Iam em fila, caminhando uns **atrás** dos outros.

As duas frases podem aplicar-se rigorosamente à mesma situação e daí não se segue que *à frente* seja sinónimo de *atrás*. O que acontece é que em 1) e em 2) a Figura e o Configurante trocaram os papéis:

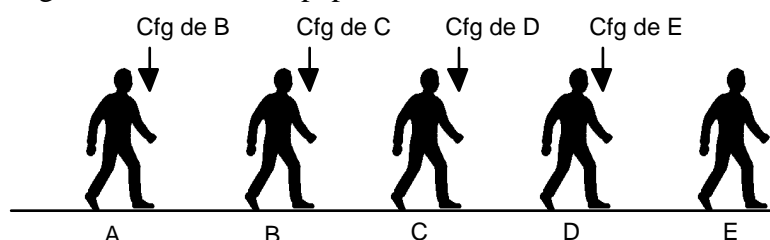


Figura 4

2) Iam em fila, caminhando uns **à frente** dos outros.

Aqui a figura {B} é localizada relativamente a um Configurante constituído pela **frente** de {A}. Ou seja, o Configurante de {B} ( $C_b$ ) é a parte da frente de {A}. E assim sucessivamente. Em 2), porém, o Configurante é diferente:

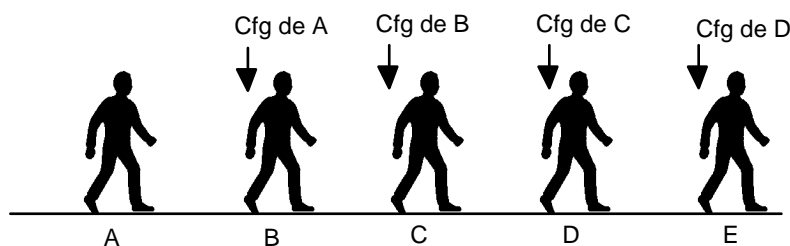


Figura 5

3) Iam em fila, caminhando uns **atrás** dos outros.

Aqui a Figura {B} é localizada relativamente a um Configurante constituído pela parte de **trás** de {C}. Ou seja, o Configurante de {B} ( $C_b$ ) é a parte de trás de {C}. E o processo é idêntico para todas as outras Figuras.

## 5.2. *Frente/trás* e [distância]

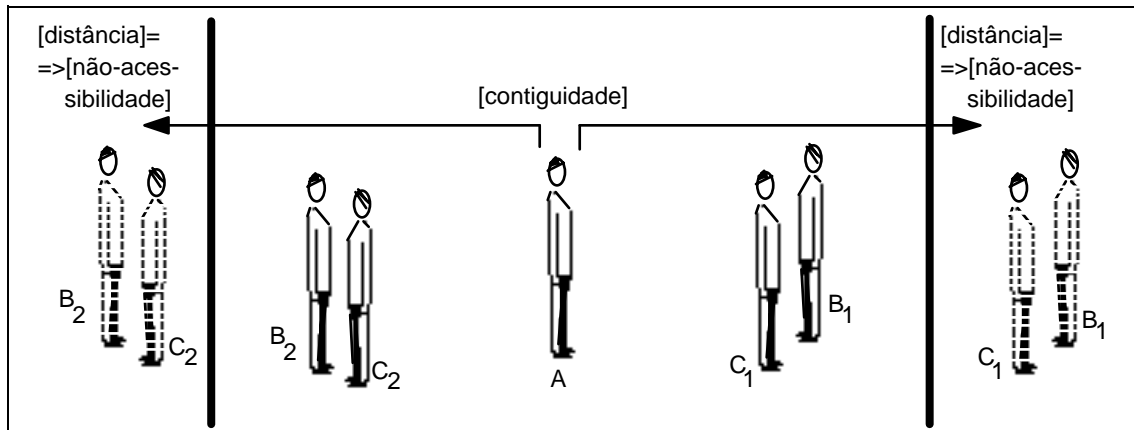
### 5.2.1. [distância] e o papel do movimento entre Fg e Cfg

Cifuentes Honrubia defende que, no eixo da frontalidade, os locativos ligados a *(a)trás* supõem uma maior distância do que os que indicam a direcção oposta:

No nos debe extrañar que sea más factible encontrar usos de «detrás» como término Ubi de desplazamiento que de «delante», pues, a pesar de no ser demasiado frecuentes por el carácter de precisión del que hemos venido hablando, el detrás siempre supone más distancia que el delante, ya que lo que está detrás parece oculto, otorgándole ese carácter una cierta imprecisión que puede equipararse con distancia. (Honrubia 1996:141)

Não nos parece, contudo, que a "imprecisión" de que Honrubia fala seja traduzível simplesmente por [distância]. Para objectivar e precisar a nossa impressão, analisámos, no quadro da página seguinte (figura 6), a relação do eixo da frontalidade sem e com [+distância]. Para simular as possíveis situações, configuraram-se com {A}, que serve como ponto de referência, duas personagens, {B} e {C} (com direccionalidade frontal oposta).

Embora não estejam expressos todos os localizadores possíveis para as várias situações e figurantes, mas apenas os marcadores espaciais mais frequentes, é óbvia uma primeira conclusão: a situação frontal entre Fg e Cfg é a que detém mais possibilidades configurativas com marcadores linguísticos. Forçosamente teria que assim ser, já que tal situação corresponde ao enfrentamento habitual dos seres humanos nas interacções canónicas. Por isso, é importante saber se Fg e Cfg se encontram em posição de [encaramento] ou não, tendo muitos dos localizadores da frontalidade exactamente a função de nos referir tal faceta. Neste caso e neste aspecto, aparecem localizadores que só admitem [encaramento] (*perante, ante, frente a, frente a frente, de frente* e ainda *de caras para*) e outros que aceitam as duas possibilidades (*à frente, diante*). No entanto, relativamente à vertente oposta, essa relação é indiferente: a Fg pode estar voltada ou não para o Cfg que está sempre *atrás, por trás, detrás*.



B2 está atrás de A.	B2/C2 está atrás de A.	A/B1 está (em) frente a B1/A. (= A está (em) frente a B1; B1 está (em) frente a A)	B1/C1 está à frente de A.
*C2 está atrás de A.	B2/C2 está detrás de A.	*A/*C1 está (em) frente a C1/A.	*A está à frente de B1.
*B2/*C2 está por trás de A.	B2/C2 está por trás de A.	A/B1 está em frente de B1/A.	B1/C1 está (mais) adiante (relativa/ a A).
*B2/*C2 está detrás de A.		*A/*C1 está em frente de C1/A.	
		A/B1 está diante de B1/A.	
		*A está diante de C1.	
		C1 está diante de A.	
		A/B1 está frente a frente com B1/A.	
		*A/*C1 está frente a frente com C1/A.	
		A/B1 está de frente para B1/A.	
		*A/*C1 está de frente para C1/A.	
		A/B1 está à frente de B1/A.	
		*A está à frente de C1.	
		C1 está à frente de A.	
		A/B1 está diante de B1/A.	
		*A/*C1 está diante de C1/A.	
		A/B1 está ante B1/A.	
		*A/*C1 está ante C1/A.	
		A/B1 está perante B1/A.	
		*A/*C1 está perante C1/A.	

Figura 6

Há, no entanto, um localizador (ainda muito transparente nas unidades que o compõem) que indica exclusivamente uma posição de [não-encaramento] da Fg relativamente ao Cfg: *de costas para*. Há que notar, no entanto, que só aparentemente

este localizador indica qualquer posição relativa entre os figurantes, já que ele é indiferente à direccionalidade da figura centro da configuração, o Cfg. Na realidade, o que este localizador traduz é que a Fg "não está voltada" para o Cfg, sendo a posição deste, relativamente à mesma Figura, indiferente:

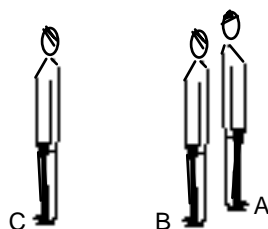


Figura 7

- 4) {C} está de costas para {A}
- 5) {C} está de costas para {B}

A primeira conclusão que forçosamente tem que se tirar é que a relação Fg/Cfg não é configurável linguisticamente com as mesmas possibilidades na vertente frontal e não-frontal<sup>(5)</sup>. Enquanto na primeira, as possibilidades são variadas, nesta última não há praticamente qualquer outra possibilidade configurativa senão a de indicar a existência da própria Fg.

É de duvidar, no entanto, que seja esta vertente tão indiferenciada (a não frontal) a que traduz a [distância] ou a que faz da mesma distância um factor a ter em conta no respectivo modelo. E uma análise comparativa mostra, ao contrário, que é indubitavelmente na vertente frontal que a distância interfere mais com a constituição dos modelos mentais correspondentes aos vários localizadores espaciais.

Em primeiro lugar, na vertente frontal, há um localizador que se estrutura prioritariamente na relação de [+distância]: (*mais*) *adiante*. Não apenas uma maior ou menor [distância] dentro do campo da visibilidade entre a Fg e Cfg, mas até traduzindo, prototipicamente, este localizador, [distância] implicando [não-acessibilidade]. Ora na vertente oposta, não-frontal, não há nenhum localizador próprio correspondente. Terá que ser, na mesma, (*mais*) *atrás*.

Não havendo [+distância]⇒[não-acessibilidade] a vertente (estativa) oposta à frontal utiliza, essencialmente, três localizadores: *atrás de*, *por trás de*, *detrás de*. (Com movimento, *para trás* correspondente por oposição a *para a frente*). Se o primeiro suporta alguma [distância] entre Fg e Cfg, os últimos exigem aquilo que *atrás* também admite — grande proximidade ou mesmo até [contacto]:

<sup>(5)</sup> Utilizamos esta terminologia (*frontal/não frontal*) para indicar respectivamente a direccionalidade que coincide com a direcção do olhar em posição canónica e a direccionalidade oposta. Evitamos utilizar termos como *anterior/posterior* porque, em primeiro lugar, são termos que se referem prioritariamente ao tempo e não ao espaço. Em segundo lugar (e como em 7.4 e 7.5.3.3 se demonstra) cada um destes termos pode significar uma direccionalidade e a oposta: *posterior*= o que **está à frente**, que vem depois ou o que **estava atrás**, que chegou depois de outro.

- 6) Ele está atrás do muro. (= Ele está pouco distanciado/ muito junto ou encostado ao muro.)
- 7) Ele está por trás do muro. (= Ele está muito junto ou encostado ao muro.)
- 8) Ele está detrás do muro. (= Ele está muito junto ou encostado ao muro.)

Veja-se como, ao contrário dos seus opostos, *frente* suporta [+distância]:

- 9) Ele está à frente do muro, mas bastante longe do muro.
- 10) \*Ele está atrás/por trás/detrás do muro, mas bastante longe do muro.

Ou seja, nos localizadores da frontalidade a [distância] aparece prototipicamente **modelizada** (inserida no modelo mental) podendo mesmo ser o aspecto estruturador fundamental (em *adiante*); ao inverso, nos localizadores da vertente oposta, prototipicamente é a não-distância, a proximidade ou mesmo o contacto que são modelizados.

Por aqui se pode já começar a ver que, ao contrário da impressão que Honrubia tem para o espanhol, para o português é *atrás* que implica [proximidade] ou mesmo [contacto], enquanto à *frente/adiante* implicam [distância] maior ou menor, mas nunca [contacto].

Cognitivamente compreende-se o porquê destas relações implicativas. *Atrás*, como refere Cifuentes Honrubia, implica prioritariamente [não-visibilidade]. Só que a ocultação, para os mecanismos cognitivos humanos, não é transformável em [distância], como defende Honrubia ("lo que está detrás parece oculto, otorgándole ese carácter una cierta imprecisión que puede equipararse con distancia." Honrubia 1996:141), mas é, isso sim, identificada com o traço de [+inacessibilidade]. Neste caso, e ao contrário de outros onde isso se verifica (por exemplo, em *lá*) a [inacessibilidade] não se deve à distância. Antes pelo contrário, aqui [inacessibilidade] implica [proximidade]: a ocultação, o esconder-se, implicam [proximidade], já que só se esconde quem está próximo, ao alcance do olhar. É incompreensível que {A} se esconda de {B} estando completamente fora do respectivo alcance visual.

E a prova lexicalizada que *atrás* implica, como se viu, não [distância], mas [proximidade]/[contacto], encontra-se na dimensão nocional de *por trás de*. Este localizador espacial adquiriu uma vertente nocional que implica agencialidade e causatividade:

- 11) Quem esteve por trás da greve foi um partido da oposição.
- 12) Foram os militares indonésios que estiveram por trás dos massacres em Timor.

Ora é bem evidente que a [agencialidade/causatividade] deste localizador é provocada pelo traço [proximidade]/[contacto] que a dimensão espacial implica: *estar*



*por trás* de uma greve, de uma revolta, de um massacre, significa "ser o elemento causador, mas não visível" da greve, da revolta ou do massacre. Há uma dimensão nocional de contacto entre o causador *que está por trás* e os elementos instrumentais.

Por tudo isto, não ser de admirar que *atrás de* só possa ser concebido com [+distância] quando há um elo de união entre Fg e Cfg. Esse elo é, objectiva ou virtualmente, o movimento. Em

- 13) O camisola amarela está muito atrás/para trás.
- 14) (Na viagem) Évora já tinha ficado para trás há muito.
- 15) O restaurante fica muito atrás.

há sempre uma ligação entre o local Cfg e a Fg, ligação essa dada pelo movimento, real (nas duas primeiras frases) ou potencial (na última). Por isso mesmo, é que com [+distância] só se concebe que Fg e Cfg se insiram na mesma direcionalidade e no mesmo sentido. Daí o contraste de aceitabilidade entre as frases apresentadas há pouco no último esquema:

- 16) B2 está atrás de A.
- 17) \*C2 está atrás de A.

Como {B2} possui a mesma orientação de {A}, é possível conceber um movimento de {B2} para {A}. Ao inverso, tendo {C2} um sentido oposto a {A}, já não é admissível pressupor um movimento daquele para este, não sendo possível, portanto, conceber {C2} como estando *atrás de* {A}. (Ver esquema a seguir, figura 8)

Já para o vector da frontalidade não há restrições relativamente à posição da Fg em relação ao Cfg. Como se indicou, há dupla aceitabilidade:

- 18) B1 está à frente de A.
- 19) C1 está à frente de A.

Isto acontece, porque há diferença na modelização espacial de uma Fg conforme ela esteja na vertente frontal ou na inversa do respectivo Cfg. Assim:

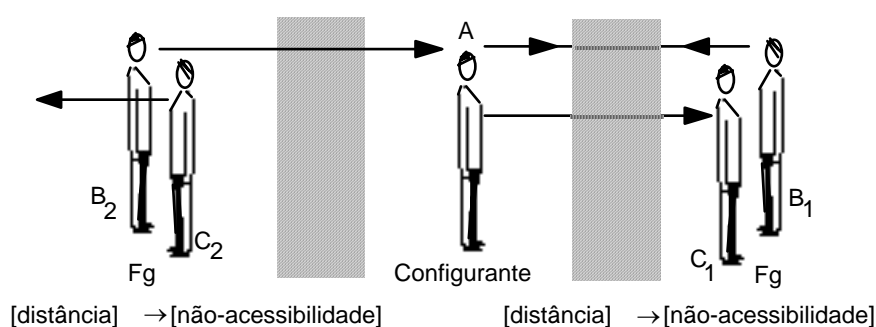


Figura 8

Como este esquema (que é uma variante do anterior) permite visualizar, todas as Fgs, excepto {C2}, podem ser inseridas na mesma direccionalidade do Cfg {A}. Por isso, todas podem ser configuradas relativamente ao mesmo Cfg. Já {C2} só o poderia ser se estivesse na zona de acessibilidade de {A} (conferir esquema anterior). Ora como não está, por causa da distância, a respectiva direccionalidade, oposta à de {A}, impede-o de a ele poder estar ligado pelo único elemento que permitiria a sua configuração relativamente ao mesmo {A}: o movimento real ou potencial. E assim, como se vê no esquema, como não há nada que ligue {C2} a {A} (nem a acessibilidade, nem um qualquer vector direccional) aquela Fg deixa de poder ser configurada relativamente a este Cfg.

### 5.2.2. [distância] e combinatórias sintáctico-semânticas

Há uma diferença combinatória entre o núcleo *trás* e os outros núcleos de marcadores espaciais que talvez nos permita reflectir melhor sobre a implicação que tem o factor [distância] na estruturação dos localizadores espaciais prospectivos e retrospectivos.

Os núcleos *frente*, *trás*, *diante*, *cima*, *baixo* combinam-se igualmente bem com as preposições antepostas *a*, *de*, *por*, *para*. No entanto, a preposição *em*, combinando-se embora com todos os outros, não se sequencializa com *trás*, sendo *\*em trás* substituído por *atrás*. Terá resultado esta combinatória de puras razões morfológicas (de um acaso morfológico) ou espelhará os mecanismos semântico-cognitivos que diferenciam os marcadores de *trás* relativamente aos de *frente*?

Antes de nos rendermos à resposta mais fácil (o "acaso morfológico") vamos tentar contrapor os aspectos cognitivos pressupostos para estes localizadores à respectiva estruturação semântica, para ver se encontramos justificação para a anulação completa de *\*em trás* por *atrás*.

O primeiro pormenor (?) que nos pode levar a não querer aceitar o acaso morfológico da inexistência de *\*em trás* é o facto de *frente* possuir duas formas com a preposição *em*: *na frente/ em frente*. Se *trás/ frente* são os marcadores opositivos do eixo da frontalidade, parece que seria lógico que para cada forma ligada à prospectividade houvesse uma correspondente ligada à retrospectividade.

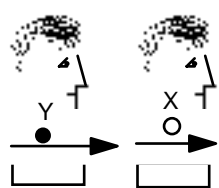
Indicando prototipicamente a preposição *em* uma colocação estativa, por que será que não combina com *trás*, preferindo este marcador, por oposição, a preposição *a* que prototipicamente se liga a [movimento]?

A resposta está no facto de *trás* e *frente* não terem a mesma importância cognitiva e, conseqüentemente, linguística. Por isso, estas duas partes da frontalidade não são linguisticamente simétricas. Os estados de coisas (e portanto os

correspondentes modelos mentais) possíveis em *frente* não são todos necessariamente possíveis em *trás*. Vejamos algumas diferenças.

Escolhamos três verbos que possam traduzir as várias possibilidades combinatórias de *frente* quanto ao movimento: *ir* (movimento com uma direcção e sentido marcados), *andar* (movimento indiferente a uma direcção e sentido) e *estar* (mera configuração espacial estativa, sem movimento).

A faceta prioritária da oposição à *frente/na frente*, *em frente* é a implicação entre a existência de [2 lugares] (para à *frente*) e a de [1 lugar] (para *em frente*):



2 lugares

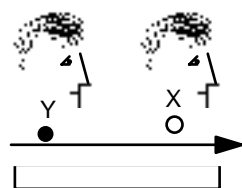
Figura 9

-X vai à frente de Y;

-X anda à frente de Y;

-X está à frente de Y; 1- prototipicamente, X e Y não estão no mesmo lugar: X está num lugar prospectivo relativamente ao lugar de Y; 2- =X está na frente de Y.

(ver a seguir)



1 lugar

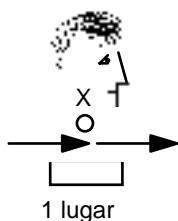
Figura 10

X vai na frente de Y;

-X anda na frente de Y;

-X está na frente de Y; prototipicamente, X e Y estão no mesmo lugar, embora X esteja na parte prospectiva desse lugar.

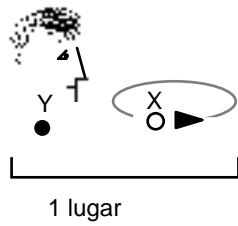
Com *em frente* os processos configurativos mudam um pouco, já que este marcador assenta no próprio modelo global, e não tanto, como em *a frente*, no objecto original estruturador dos modelos da frontalidade. (ver 6.4.2.). No entanto, quer *em frente a/de*, quer *em frenteø*, com os mesmos verbos, implicam unicidade de lugar onde decorre o estado de coisas:



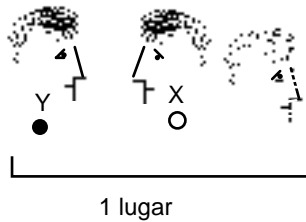
1 lugar

-X vai *em frenteø*: prototipicamente, implica que X comece um processo que o afasta prospectivamente em relação ao lugar que ocupa e ao sentido que possui ou a outro sentido explicitamente fornecido no momento da enunciação.<sup>(6)</sup>

<sup>(6)</sup> *Em frenteø* tem como Cfg o sentido direccional de um movimento anterior ou um sentido frontal explicitamente fornecido ou implicitamente partilhado no momento da enunciação. Ver 6.4.2.



-X anda em frente a/de Y; X movimenta-se junto à parte frontal de Y, sendo a posição de [+/-encaramento] de X relativamente a Y indiferente.



-X está em frente a/de Y; X situa-se no mesmo lugar e na direcção prospectiva de Y; a posição de [+/-encaramento] de X relativamente a Y é indiferente.

Figuras 11, 12, 13

Como se vê, embora num contexto se possam neutralizar (*X está à frente de Y* pode ser equivalente a *X está na frente de Y*), prototipicamente *à frente* implica dois lugares e conseqüentemente uma maior distância, enquanto *na frente* ou *em frente* implica apenas um lugar e portanto menor distância ou, mais exactamente, [proximidade]. Esta diferenciação justifica, assim, a oposição e, portanto, a existência de *a/em+(a) frente*.

Com o vector (*a*)*trás* não há as mesmas possibilidades configurativas. Como há pouco vimos (figuras 6 e 8 e também figuras 9-13), qualquer que seja a posição da Fg é sempre possível relacioná-la com o Cfg no vector *frente*, já que Fg e Cfg partilham sempre obrigatoriamente a mesma direcionalidade, embora possam não partilhar o mesmo sentido dentro dessa direcionalidade. No entanto, quando não partilham o sentido, este é sempre, entre Fg e Cfg, um sentido oposto, o que implica o reforço do vector *frente* e se pode lexicalizar em *frente a frente*:

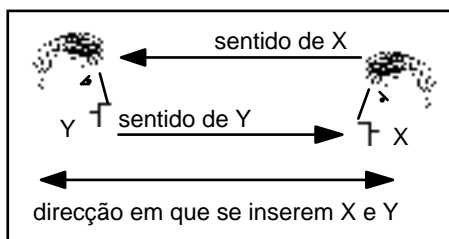


Figura 14

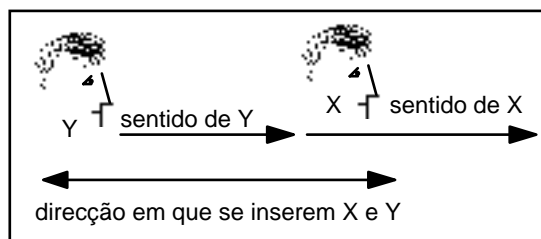


Figura 15

*X à frente de Y* ⇒ [+encaramento]

*X à frente de Y* ⇒ [- encaramento]

No vector oposto, não há estas mesmas possibilidades. Por princípio, a Fg está junto ao Cfg, no mesmo lugar que ele ocupa:

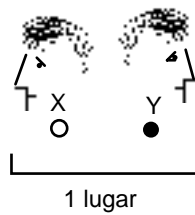


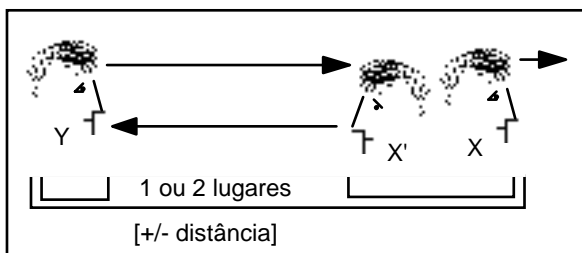
Figura 16

-X está atrás de Y; X situa-se no mesmo lugar e em sentido retrospectivo relativamente a Y.

Há a possibilidade de Fg e Cfg não partilharem o mesmo lugar físico, sendo então a relação de proximidade traduzida por um movimento que potencialmente os une:

20) X anda/vai/está atrás de Y.

A distância física, quilométrica, pode ser maior ou menor, mas *X anda atrás de Y* é sempre conceptualizado através de um modelo mental em que {X} e {Y} aparecem ligados pela possibilidade constante de {X} alcançar {Y}, ou seja, {Y} nunca se situa fora do alcance possível de {X}. Não é por acaso que a comparação que se costuma aplicar a estas situações é *X persegue Y como uma sombra*. É que se assim não for, se {X} e {Y} não estiverem ligados por um movimento potencializador de alcance, e ao contrário do que acontecia em *frente*, {X} não pode ser configurado *atrás* de {Y}. A razão resulta da própria diferença estrutural entre *frente* e *trás*: no primeiro vector, como vimos, mesmo com sentidos opostos, pode sempre haver configuração relativa entre Fg e Cfg, já que forçosamente ambos se inscrevem na mesma direcionalidade; no vector oposto, (*a*)*trás*, a Fg, se estiver fora do lugar físico do Cfg, não pode estar inserida num sentido vectorial diferente. Se isso acontecer, pura e simplesmente não pode ser relacionada com o mesmo Cfg:

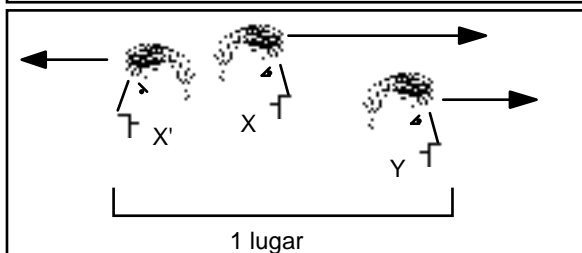


- X está à frente de Y.

- X' está à frente de Y.

Implicações de {X} relativas a Y (Cfg):

- mesmo lugar de Y ou outro;
- [+/- distância] em relação a Y.
- sentido direccionado de Y ou oposto.

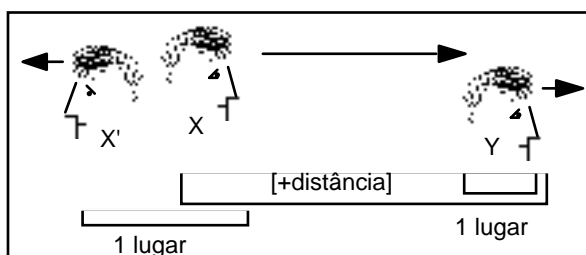


- X está atrás de Y.

- X' está atrás de Y.

Implicações de {X} relativas a Y (Cfg):

- se no mesmo lugar de Y, implica [- distância] em relação a Y.
- sentido direccionado de Y ou oposto.



- *X está atrás de Y.*
- \**X' está atrás de Y.*

Implicações de {X} relativas a Y (Cfg):

- se em lugar diferente de Y, implica [+distância] em relação a Y.
- sentido direccional de Y.

Figuras 17, 18, 19

Conclui-se que, forçosamente, no vector (*a*)*trás* há sempre uma ligação de proximidade física ou intencional e potencial entre a Fg e o Cfg; ou seja, a configuração **{X} atrás de {Y} implica uma aproximação** (real ou intencional-potencial) **de {X} em relação a {Y}**. Não é por acaso que os mesmos verbos de movimento com *atrás* implicam facilmente [movimento para] enquanto com *à frente* já não:

- 21) O Rui anda atrás da Maria ⇒ O Rui "movimenta-se para" a Maria.
- 22) O Rui anda à frente da Maria ⇒ \*O Rui "movimenta-se para" a Maria.
- 23) O Rui vai atrás da Maria ⇒ O Rui "movimenta-se para" a Maria.
- 24) O Rui vai à frente da Maria ⇒ \*O Rui "movimenta-se para" a Maria.

E mais significativamente, verbos estativos-copulativos (cujo estado de coisas é "vazio" servindo apenas para predicar os valores das unidades com que ocorrem), estes verbos, dizíamos, com *atrás* traduzem facilmente o mesmo sentido de "movimento para":

- 25) O Rui continua atrás da Maria ⇒ O Rui continua a "movimentar-se para" a Maria.
- 26) O Rui continua à frente da Maria ⇒ \*O Rui continua a "movimentar-se para" a Maria.

Concluindo: como vimos, *à frente* implica prototipicamente dois lugares e, decorrendo disso, uma maior distância entre Fg e Cfg, enquanto *na frente* ou *em frente* implica apenas um lugar e portanto menor distância ou, mais exactamente, [proximidade]. Esta diferenciação justifica, assim, a oposição entre *a* e *em* combinando-se com (*a*)*frente*. Ao inverso, é inquestionável que, ao contrário de *frente*, *atrás* implica cognitivamente **sempre** uma relação de junção ou aproximação entre a Fg e o Cfg. Por isso, o marcador *trás* aparece **sempre**, em vez da preposição *em*, precedido da preposição *a*, indicadora de movimento.

Assim, todos estes modelos e processos nos mostram que

1) Cognitivamente, *atrás* liga-se a [não-visibilidade]/[ocultação], implicando esta, não o traço [+distância], mas exactamente o inverso, já que só pode haver ocultação de {X} relativamente a {Y} se {X} estiver dentro do campo visual abarcável por {Y};

2) [+distância] aparece, assim, modelizada (*adiante*) no vector da frontalidade, enquanto no oposto é [-distância⇒acessibilidade] (*atrás de, por trás de, detrás de*);

3) os localizadores da frontalidade (*à frente, diante, adiante ...*) não pressupõem [contacto] entre a Fg e o Cfg, enquanto os do vector oposto (*atrás de, por trás de, detrás de*) admitem tal traço;

4) com [+distância], para o vector *frente* a posição da Fg relativamente ao Cfg é indiferente para a respectiva configuração. No vector oposto, a Fg só pode ser configurada se estiver ligada por um movimento real ou potencial ao Cfg.

5) a combinatória das preposições *em* e *a* com (*a*)*frente* é possível porque este vector admite um ou dois lugares e distância maior ou menor entre Fg e Cfg; no vector oposto, *\*em atrás* é sempre substituído por *atrás* já que este vector cognitivamente implica sempre uma ligação local, real ou intencional-potencial entre Fg e Cfg.

Parece-nos que será, assim, lícito concluir que os configuradores que supõem e admitem [+distância] são os da frontalidade (ligados a *frente, adiante*) e não os opostos (*atrás de, por trás de, detrás de*).

### 5.3. À *frente*/(*a*)*diante*

#### 5.3.1. À *frente/atrás* e *diante/nas costas*: equivalências e divergências configurativas

Quando dizemos que o eixo da frontalidade tem por unidades estruturadoras as que constituem a oposição *à frente/atrás*, não pretendemos, obviamente, afirmar que os localizadores espaciais daquele vector se reduzam a estas unidades. Uma oposição paralela é, por exemplo, a constituída por *diante/nas costas*.

Para podermos verificar as diferenças de configuração entre *à frente/diante* e *atrás/nas costas*, imaginemos a situação da figura 20, que representa uma visão aérea de um circo com a respectiva assistência. A posição relativa dos elementos figurantes permite-nos verificar a aceitabilidade de verbalizações como:

- 27) Os Sousas estão à frente do palhaço.
- 28) Os Sousas estão diante do palhaço.
- 29) Os Melos estão à frente do palhaço.
- 30) \*Os Melos estão diante do palhaço.
- 31) Há uma cruz à frente do palhaço.

32) \*Há uma cruz diante do palhaço.

33) Há uma bola atrás do palhaço.

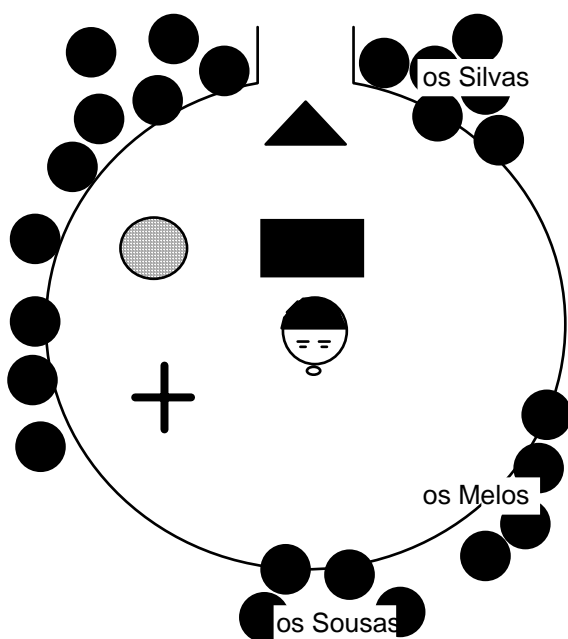


Figura 20

34) \*Há uma bola nas costas do palhaço.

35) Os Silvas estão atrás do palhaço.

36) \*Os Silvas estão nas costas do palhaço.

37) Há um rectângulo atrás do palhaço.

38) Há um rectângulo nas costas do palhaço.

39) O triângulo está atrás do palhaço.

40) ?O triângulo está nas costas do palhaço.

O paralelismo de que falávamos há pouco entre estes configuradores (*à frente/diante* e *atrás/nas costas*) diz apenas respeito ao eixo em que se inserem (o da frontalidade), mas não à equivalência configuradora. O par *diante/nas costas* constitui-se apenas como um **marcador restritivo** relativamente a *à frente/atrás*. Com efeito, *diante* configura uma zona menor que *à frente* e que se situa numa faixa centrada na perpendicular do objecto intrinsecamente orientado. *Nas costas* configura sensivelmente a espacialidade oposta no mesmo eixo da frontalidade.

Na representação a seguir (figura 21), procura-se esquematizar a área de abrangência de cada configurador. A maior ou menor intensidade do sombreado representa a maior ou menor prototipicidade na relação configurador/ espaço configurado. Assim, a prototipicidade de ambos os pares é máxima no eixo da simetria do corpo humano. Mas o processo não é tão simples assim, já que intervêm outros factores.



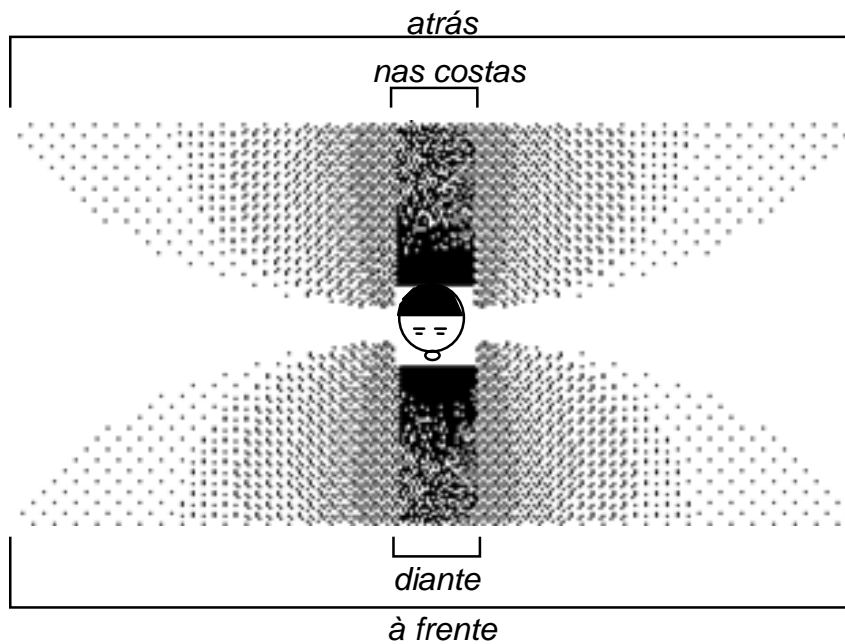


Figura 21

Na realidade, se cada ponto situado no eixo da simetria está prototipicamente *à frente* ou *atrás*, para os que ficam fora desse eixo não conta apenas a distância a que estão dele, mas igualmente a distância a que estão da zona limite da configuração.

E qual é essa zona? Se as coordenadas de configuração espacial fossem puramente geométricas e dado que o vector da frontalidade e o da lateralidade fazem um ângulo recto, deveria ser a bissetriz desse ângulo a dividir a zona da lateralidade da da frontalidade:

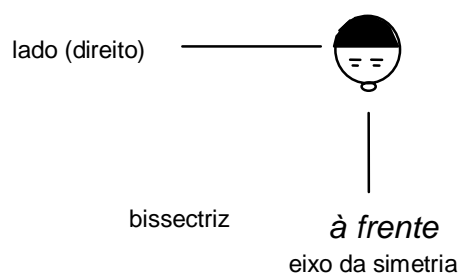


Figura 22

Só que o vector da frontalidade é dominante relativamente ao outro e abrange uma área que pode ser maior ou menor, mas que ultrapassa a bissetriz até uma zona limite que configura, aproximadamente, uma parábola.

A figura 23 esquematiza as duas áreas de domínio:

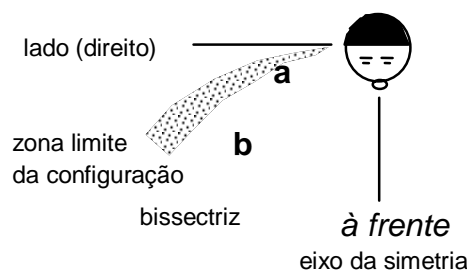


Figura 23

Assim, {a} e {b} podem ser localizados *à frente*, embora, como é bom de ver, fiquem para lá da bissetriz que divide ao meio o ângulo recto dos dois vectores espaciais. E entre {a} e {b}, este último é mais facilmente considerado *à frente* do que {a}, embora ele, {b}, se encontre mais longe do eixo da simetria. Mas enquanto {a} fica mesmo na zona limite da configuração *à frente* e portanto muito perto da zona da configuração *lado (direito)*, ao inverso {b} fica mais longe dessa zona limite. Vê-se, assim, que o critério de prototipicidade para a configuração *à frente* (e *atrás*) não passa apenas pela proximidade ao eixo da simetria, mas pela relação entre este e a zona limite da configuração.

Em *diante* o processo de configuração é um pouco diferente. Como se esquematizou há pouco (figura 21), *diante* e *nas costas* ocupam as faixas centrais das configurações *à frente* e *atrás*. Só que não ocupam a totalidade da faixa, mas apenas uma parte próxima do objecto intrinsecamente orientado. Por isso 40) ser menos aceitável que 38).

Na figura seguinte esquematiza-se a relação entre os pares *atrás-nas costas*/*à frente-diante*:

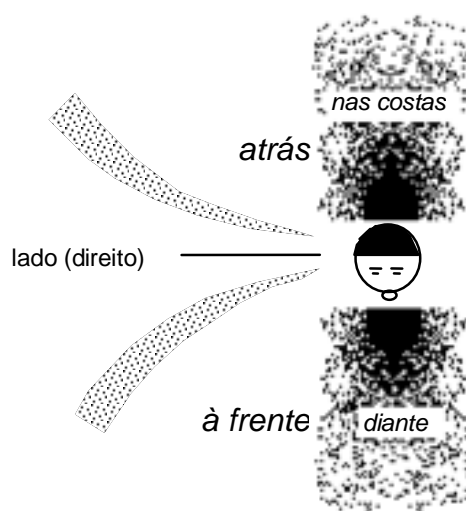


Figura 24

A densidade do sombreado representa a prototipicidade da oposição *diante/nas costas*, o que permite visualizar que enquanto a oposição *à frente/atrás* tende a ser

centrífuga, já que os vectores se expandem em parábola a partir do centro, a oposição *diante/ nas costas* é uma oposição centrípta, na medida em que a tendência da prototipicidade é para um centro, o do objecto intrinsecamente orientado.

Por outro lado, o par *à frente/atrás* inscreve-se no eixo da horizontalidade podendo ocupá-lo totalmente. Tem apenas que se demarcar dos configuradores deste eixo (*cima/baixo*) que não ocupam uma zona compreendida entre paralelas, mas uma parábola. Ou seja, não é apenas a distância ao chão ou à linha onde se coloca o elemento configurador que serve de medida para configurar *cima/baixo*, mas uma curva parabólica que se desenvolve a partir da altura da respectiva cabeça. Por isso é que, na seguinte situação (figura 25) é admissível dizer

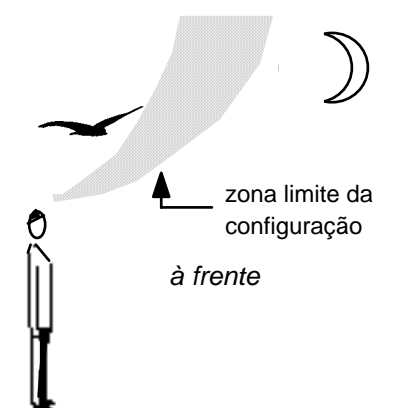


Figura 25

41) A Lua está à frente do rapaz,

e não tanto

42) ?A Lua está por cima do rapaz,

sendo também preferível

43) A gaivota está por cima do rapaz

em vez de

44) ?A gaivota está à frente do rapaz

embora a perpendicular de cada uma (Lua e gaivota) caia na zona frontal do rapaz e a Lua esteja **mais acima** do que a gaivota. No entanto, não é esta, a Lua, que é configurada *por cima*, mas aquela, que na realidade física até está mais baixa.

O par *diante/ nas costas* não ocupa, contudo, toda a horizontalidade que se opõe a *cima*, como o faz o par *à frente/atrás*. Podemos dizer, até, que se inscreve verticalmente na horizontalidade, como o esquema a seguir procura representar:

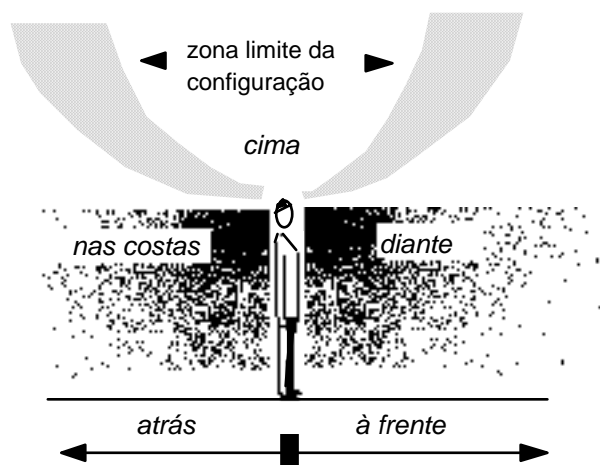
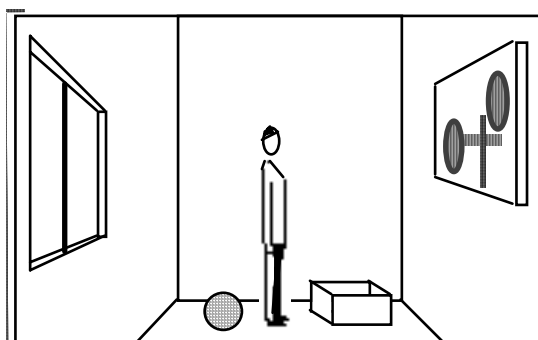


Figura 26

É que a validade de *diante* não vai até à zona limite vertical de *à frente*, mas centra-se no espaço contíguo e ao nível da visão do Configurante. A prototipicidade de *diante*, podemos dizer, está na razão directa da proximidade ao aparelho visual do Cfg, comportando-se *nas costas* sensivelmente como oposição simétrica.

Senão comprove-se:



- 45) A janela fica (mesmo) nas costas do rapaz.
- 46) \*A bola está mesmo nas costas do rapaz.
- 47) ?A bola está nas costas do rapaz.
- 48) O quadro está (mesmo) diante do rapaz.
- 49) \*A caixa está mesmo diante do rapaz.
- 50) ?A caixa está diante do rapaz.

Figura 27

A janela e o quadro ficam exactamente nas áreas de prototipicidade de *nas costas* e *diante*. Por isso a aceitabilidade de 45) e 48) com o advérbio *mesmo* que refere essa prototipicidade de configuração: "**mesmo nas costas**" e "**mesmo diante**", significa "**exactamente nas costas**" e "**exactamente diante**". E embora a bola e a caixa se encontrem mais próximas, na horizontalidade, do centro configurador, não podem ser tão prototipicamente configuradas em "*nas costas*" e "*diante*" porque se afastam na verticalidade dos pontos espaciais onde essa prototipicidade é máxima, a altura dos olhos e da nuca. Por isso não serem aceites construções como 46) e 49), que referem uma configuração prototípica, e serem mesmo de duvidosa aceitabilidade as construções 47) e 50), que são compreendidas como estando na fronteira abarcada pelos configuradores em questão — *nas costas* e *diante*.

Aliás, note-se que sendo o peito uma zona central para a configuração (à) *frente*, não o é para *diante*. Numa situação em que um bebé se suja no peito ao comer, as seguintes construções não possuem a mesma aceitabilidade:

51) A menina sujou-se porque não tinha a baba na **frente**.

52) ?A menina sujou-se porque não tinha a baba **diante**.

Embora o peito esteja compreendido precisamente na faixa abarcada por *diante*, não é conceptualizado "na frente dos olhos", elemento fulcral para a prototipicidade daquela espacialidade.

E é por esta razão que um objecto pode ser incluído na configuração de *diante*, embora a sua espacialidade ultrapasse a respectiva zona. Veja-se a figura 28, representativa da situação que a frase explicita:

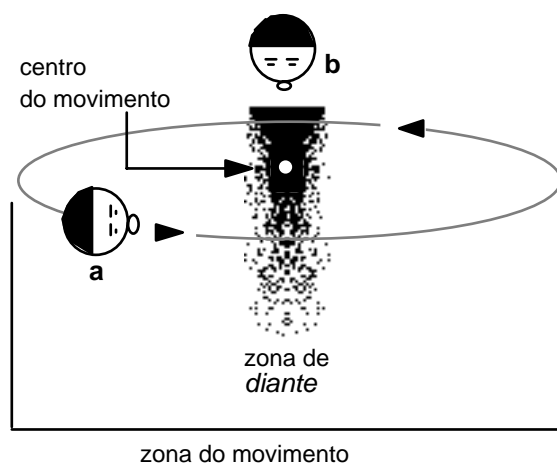


Figura 28

53) {a} andava às voltas diante de {b}.

O espaço onde decorre o movimento de {a} pode ser conceptualizado na zona de *diante*, embora, como se vê, essas duas zonas não coincidam. Só que o movimento é visto como decorrendo à volta de um centro, centro esse que se situa na zona de *diante*. Veja-se que se {a} estivesse parado na posição em que se encontra na figura, não podia ser localizado *mesmo diante* de {b}, prova de que não é a totalidade dos pontos pertencentes à linha que demarca o movimento que é situada em *diante*, mas antes o próprio movimento conceptualizado como desenvolvendo-se à volta de um ponto pertencente ao espaço de *diante*.

*Diante* é um bom exemplo do funcionamento dos vários modelos mentais da espacialidade, já que permite verificar compatibilidades entre modelos aparentemente contraditórios.

Assim, *diante* é perfeitamente compatível, na mesma situação, com *à frente* e com *atrás*:

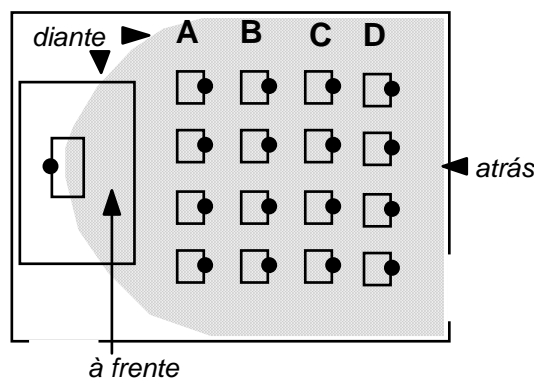


Figura 29

54) O professor tem **diante** de si quatro filas.

55) A fila A está **à frente** e a D está mais **atrás**.

Isto não significa que *diante* é sinónimo de *à frente* e de *atrás*, mas apenas que se conjuga com os vários modelos de *frente* e que pode não corresponder unicamente à vertente *à frente*. É que o modelo de *diante* configura, como já vimos e agora se comprova, a totalidade dos elementos como **centrados num ponto** situado na zona da visibilidade imediata do sujeito. Se assim não fosse, nesta figura, os dois alunos das pontas da fila {A} nunca poderiam ser situados *diante* do professor. Só que, como todos os outros, são conceptualizados como pertencentes à globalidade e esta é projectada num ponto centrado na zona de *diante*. É, aliás, este processo que permite que *diante* possa abarcar conjuntamente toda a lateralidade e toda a frontalidade prospectiva:

56) Juntou-se **diante** do orador uma multidão incontável.

Como é bom de supor, as pessoas que estavam mais longe (imaginemos a 300 metros), nunca poderiam ser localizadas *diante*, se o respectivo modelo configurasse a espacialidade de cada elemento. Basta ver que se todas as outras se fossem embora e elas permanecessem no mesmo sítio, dificilmente se considerariam *diante* do orador abandonado.

### 5.3.2. A combinatória Prep+*diante* e implicações nos modelos configurativos

Este funcionamento que acabámos de constatar resulta da implicação prioritária e essencial que o modelo configurador de *diante* mantém com a visibilidade. É por isso que o melhor e mais prototípico Configurante para *diante* é a palavra que refere os próprios órgãos da visão: *diante dos olhos*. Esta importância que o modelo

mental de *diante* atribui a [visibilidade] permite que *diante* assuma um carácter prospectivo, reforçado por sintagmas onde se junta a algumas preposições (com aglutinação ou não): *adiante, para diante, por diante, em diante*.

É curioso verificar o salto semântico que *diante* dá quando se junta a estas preposições. Perde completamente o traço de proximidade do sujeito e tende antes para o traço oposto, [+longinquidade] conjugado com o de [+afastamento]. Quer na aglutinação com *a*, quer na junção com *para* e *por*, *diante* mantém uma estabilidade semântica apreciável: conjugação dos referidos traços [+longinquidade] e [+afastamento] do local do Configurante. Além disso, com estas preposições e dentro do seu paradigma configurador, *diante* conserva um valor totalmente espacial (*adiante*) ou predominantemente espacial (*para diante, por diante*).

Ao inverso, com a preposição *em*, *diante* dá um outro salto e passa completamente para o paradigma temporal. Por isso, não é tão aceitável que *em diante* apareça imediatamente a seguir ao verbo, como acontece com todas as outras formas combinatórias (*a, para, por+diante*):

- 57) Vai (lá) adiante e chama o João.
- 58) Vai para diante e manda vir o João
- 59) Vai por diante!

mas sobretudo inserida na construção "**de T(empo) em diante**":

- 60) De Março em diante, os dias são mais quentes.
- 61) Daqui em diante vou ter mais cuidado.

Note-se que o *aqui* da frase anterior é completamente temporal (= "deste momento em diante" e não "\*deste lugar em diante"), o que vem comprovar que não é *em diante* que adquire valor temporal por causa dos marcadores temporais com os quais se combina. Inversamente, neste último caso (*daqui em diante*) é o mesmo marcador, aqui prototipicamente espacial, que passa a ser temporal por causa do valor intrinsecamente temporal de *em diante* (aliás os dicionários não registam sequer *aqui* como advérbio de tempo, mas apenas de lugar).

Se bem que, como vimos, *para diante* e *por diante* fossem predominantemente espaciais, também podem ser inseridas na construção "**de T(empo) Prep diante**":

- 62) De Março para diante os dias tornam-se mais quentes.
- 63) De Março por diante os dias tornam-se mais quentes.
- 64) Daqui para diante vou ter mais cuidado.
- 65) Daqui por diante vou ter mais cuidado.

E se *adiante* dificilmente admite valores temporais, a sua combinação com *mais* torna-os facilmente possíveis:

- 66) \*De Março *adiante* os dias tornam-se mais quentes.  
 67) \*Em Março não, mas *adiante* os dias tornam-se mais quentes.  
 68) Em Março não, mas *mais adiante* os dias tornam-se mais quentes.

Um esquema final pode tentar sintetizar as tendências mais ou menos espaciais/temporais das combinações Prep+*diante*:

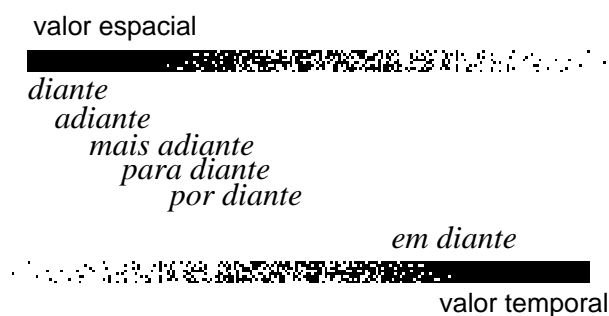


Figura 30

Estes, como os outros configuradores espaciais, podem deslizar do eixo da espacialidade para o da temporalidade ou participar das duas vertentes. Neste caso, *diante* é prototipicamente espacial sendo a origem de todas estas lexicalizações (o que é sintomático das relações entre os marcadores espaciais e temporais); *adiante*, conserva quase em exclusivo o valor espacial, mas já *mais adiante*, *para diante* e *por diante* participam de ambos os eixos, embora tendam para a zona mais carregada da espacialidade. *Em diante* já é praticamente exclusivo do eixo temporal, mantendo apenas afinidades (de origem) com a espacialidade.

### 5.3.3. (A)*diante*/à frente: identidades e divergências entre modelos configurativos

#### 5.3.3.1. (A)*diante* e graduação da direccionalidade frontal

Honrubia (1996) diferencia, em espanhol, *adelante* dos seus homólogos (*ante*, *delante*, *frente*, *enfrente*) através da indeterminação que aquele possui:

["Adelante"] nunca señala un lugar concreto y determinado — quizás porque lo que está "delante" de nosotros es concreto y determinado, ya que se encuentra ambientado con nuestros sentidos, y si hay tal relación cerrada ya no es posible el



empleo de "adelante"—, de ahí que sea muy difícil su uso como locativo Ubi con verbos estativos (*\*está adelante*), a no ser para indicar una graduación (*está más adelante*), lo cual es un intento de precisar una indeterminación. (Honrubia 1996:130)

No entanto, pelo menos em português, embora o funcionamento de *adiante* seja muito semelhante, não nos parece que seja a indeterminação o que caracteriza essencialmente este localizador espacial. Tal indeterminação é mais uma consequência do seu significado, do que constitutiva do cerne do próprio significado.

O traço central à volta do qual se estrutura o significado de *adiante* é o de **[continuidade direccional prospectiva]**: ou seja, *adiante* indica a localização prospectiva de um ponto que se insere numa direccionalidade partilhada entre LOC e ALOC.

Em português, a indeterminação localizadora é uma consequência do facto de *adiante* referir um ponto que se insere numa linha direccional, não fazendo parte, a indeterminação locativa, do seu cerne significativo. Assim, o uso preferencial com *mais* (*mais adiante*) não tem por finalidade, como diz Honrubia, indicar uma graduação para precisar uma indeterminação ("muy difícil su uso como locativo Ubi con verbos estativos (*\*está adelante*), a no ser para indicar una graduación (*está más adelante*) lo cual es un intento de precisar una indeterminación"). A diferença de aceitabilidade entre

69) \*A Inês está adiante.

70) A Inês está mais adiante.

não se deve ao facto de 69) ser mais preciso, porque até nem o é. O que acontece, é que em 70), ao contrário de 69), nota-se que há implícita a referida direccionalidade comum entre LOC e ALOC. O dizer-se *mais adiante* implica que o ALOC sabe qual é a linha direccional em questão, mas não se indica, nem com precisão, nem sem ela, uma localização mais exacta da Inês relativamente a *adiante*.

Tanto é assim que *adiante* pode, da mesma forma, aparecer combinado com *lá*, conservando o mesmo grau de aceitabilidade que possui com *mais*:

70) A Inês está mais adiante.

71) A Inês está lá mais adiante.

72) A Inês está lá adiante.

Se com *mais* se poderia falar em "graduação", não parece que com *lá* alguma graduação se mantenha. Além disso, em português, a indeterminação locativa não é essencial nem obrigatória em *adiante*, já que se pode combinar, quer com um *lá*,

quer com *ali*, indicativos de lugares **precisos** e simultaneamente visíveis pelo LOC e ALOC (o que confirma que a imprecisão não é a viga de suporte deste localizador):

73) Não vês a Inês? Olha, está **lá adiante**, mesmo à frente do desfile. Estás a ver?

74) Não vês a Inês? Olha, está **ali adiante**, mesmo à frente do desfile. Estás a ver?

Como se comprova, *adiante* aceita perfeitamente um lugar num verbo estativo desde que acompanhada por um elemento (*lá adiante*, *mais adiante*, *ali adiante*) que explicita que **há uma direccionalidade** (partilhada entre LOC e ALOC) **de referência**.

A compatibilidade de *adiante* com o verbo protótipo dos verbos estativos (*estar*) é mesmo quase idêntica à existente entre este mesmo verbo com *à frente*:

70) A Inês está **mais adiante**.

71) A Inês está **mais à frente**.

72) A Inês está **lá mais adiante**.

73) A Inês está **lá mais à frente**.

74) A Inês está **lá adiante**.

75) A Inês está **lá à frente**.

76) A Inês está **ali adiante**.

77) A Inês está **ali à frente**.

78) A Inês está **ali mais adiante**.

79) A Inês está **ali mais à frente**.

Aliás, o localizador *adiante* pode mesmo aparecer isolado com o verbo *estar* e ser perfeitamente aceitável, desde que contextualizado:

80) Pedro:— Onde está a Inês?

Maria:— Está **adiante**. (Subentende-se, "mais adiante")

Também aqui, o paralelismo sintáctico com *à frente* se mantém:

81) Pedro:— Onde está a Inês?

Maria:— Está **à frente**. (Subentende-se, "mais à frente")

Quer isto dizer que *adiante* e *à frente* são perfeitamente iguais? Evidentemente que não. O que se procurou acentuar foi que *adiante* não é mais indeterminado que *à frente*, podendo mesmo indicar um lugar não apenas determinado como até **visível**, quer para o LOC, quer para o ALOC, e pode ocorrer com os verbos estativos, incluindo o protótipo *estar*.

### 5.3.3.2. Relações hiponímicas entre *frente* e (*a*)*diante*

A diferença entre *adiante* e *à frente* reside no facto de o primeiro funcionar praticamente como um hipónimo do segundo. Como já atrás se referiu (5.3.3.1.), *adiante* implica uma direcionalidade, enquanto *à frente* é o localizador mais genérico que tanto pode supor também uma direcionalidade considerada, como não.

Uma situação como a seguinte

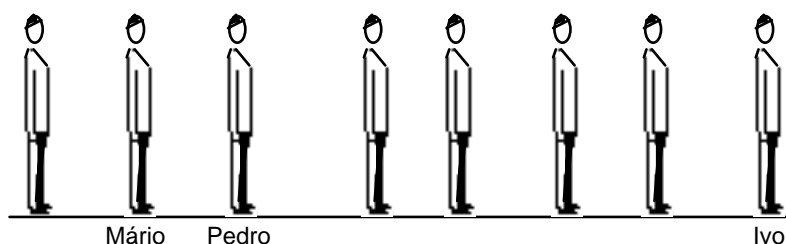


Figura 31

pode ser verbalizada por contextualizações semelhantes às já atrás apresentadas:

- 82a) Pedro:— Onde está o Ivo?  
 b) Mário:— Está **à frente de todos**.  
 c) — Está **adiante de todos**.

Mas se o Ivo encarasse o resto da fila, a verbalização não poderia ser exactamente a mesma para *adiante*:

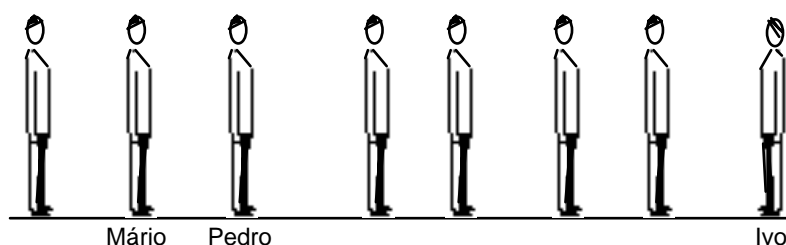
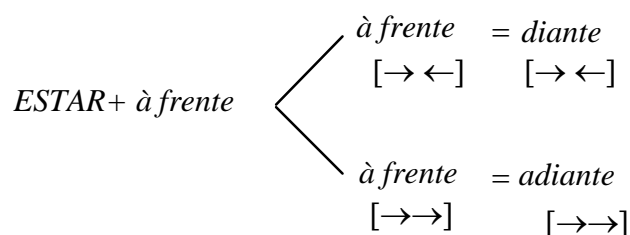


Figura 32

- 83a) Pedro:— Onde está o Ivo?  
 b) Mário:— Está **à frente de todos**.  
 c) — Está frente a **todos**.  
 d) — Está em frente de **todos**.  
 e) — Está em frente a **todos**.  
 f) — Está de frente para **todos**.  
 g) — Está diante **de todos**.  
 h) — ?Está **adiante de todos**.

Esta situação acaba por comprovar tudo o que antes se disse: a diferença entre *adiante* e as várias possibilidades de construção (Prep)+*frente*+Prep, reside no facto de o primeiro localizador implicar um ponto prospectivo ([→→]) de **uma** (única) direcionalidade comumente partilhada entre LOC e ALOC (formalizável em

*adiante*⇒[→→]), enquanto (Prep)+*frente*+Prep, para além dessa localização, serve também para situações de encaramento, ou seja, quando não há uma direccionalidade, mas sim a confluência de duas (à *frente de*; *em frente de/a*; *de frente para*⇒ [→←]). Ora esta vertente locativa não pode ser traduzida por *adiante*, mas por *diante* (*diante*⇒ [→←]). Compreende-se, assim, que *diante* e *adiante* são como que dois hipónimos correspondentes às duas distintas facetas de à *frente*:



Mas será que, para descanso do linguista, este quadro se desdobra sempre assim?

Enquanto nada mais se intrometer entre *estar* e *diante/adiante*, assim é. No entanto, *diante*, com a preposição *para*, entra facilmente em construções com o verbo *ir*: *ir (lá) (mais) para diante*:

- 84) Aqui estamos muito atrás. Vamos para diante.
- 85) Aqui estamos muito atrás. Vamos lá para diante.
- 86) Aqui estamos muito atrás. Vamos lá mais para diante.

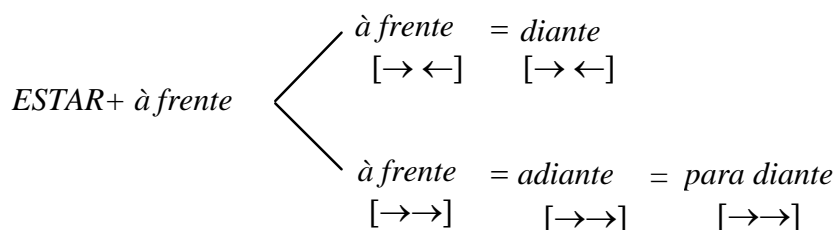
Ora *para diante*, da construção *ir para diante*, que traduz um modelo dinâmico, passa facilmente para o modelo estativo resultante desse mesmo modelo dinâmico: *ir para L (=diante)→chegar a L (diante) →estar em L (=estar já (em) "para diante")*:

- 87) A Inês passou por nós e já deve estar lá para diante.

Nestes casos, *para diante* não admite a vertente [encaramento], sendo equivalente a *adiante/para a frente*:

- 88) A Inês passou por nós e já deve estar lá adiante.
- 89) A Inês passou por nós e já deve estar lá para a frente.

Ou seja, com o verbo *estar*, *diante*, quando precedido de *para*, equivale a *adiante*. Isto obriga a reformular o esquema apresentado:



Repare-se como o marcador *diante* muda de modelo mental (de [enfrentamento]=[→ ←] para [prospectividade]=[→ →]) quando precedido de *para*. Isto leva-nos a verificar como é perigoso e infrutífero tentar encontrar os significados de *diante* e de *adiante* considerando cada um dos localizadores isoladamente, desligados das possíveis combinações prepositivas que admitem. A tentação de encontrar os respectivos significados, como o faz toda a tradição lexicográfica, opondo *diante/adiante* produz, obviamente, resultados inadequados, já que, como se vê, *diante* pode opor-se ou pode coincidir com *adiante*. A diferença está na totalidade do modelo mental que o localizador traduz e este mesmo modelo mental depende não apenas da palavra isolada, mas das suas relações combinatórias.

Aliás, como há pouco se disse, *diante* pode equivaler sintática e semanticamente ao SN *a frente*, possuindo não qualquer sentido gradativo e localização indeterminada, mas pontual e conhecida:

90) A Inês passou por nós e já deve estar lá para diante.

91) A Inês passou por nós e já deve estar lá para a frente.

E assim, *diante*, ajudado pela semelhança fonética, torna-se equivalente a *adiante*. Pode falar-se, utilizando terminologia fonológica extensível ao campo semântico, numa neutralização entre os dois localizadores.

Comprove-se com a seguinte situação: A casa do Pedro dista da da mãe uns quinhentos metros. O Pedro e a família vão todos os dias jantar a casa da mãe. Estando perto a hora do jantar, quando o Pedro pergunta

92) Vamos p'ra diante?

percebe-se facilmente qual é o local designado por *diante*. Aqui, não possui o traço [encaramento], equivalendo, antes, ao sentido de *adiante*.

Os dicionários registam esta mesma equivalência:

**DIANTE**, adv. (de *de* e *ante*).[...] || 0 mesmo que, **ADIANTE**. [...] **Para diante**, para a frente:

*Mandou-o andar para diante.* (S/ nome, 1996, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Lello-Editora Sistema J.)

Camões utiliza já *diante* com o sentido de *adiante, mais à frente*:

Torna para detrás a nau, forçada,  
Apesar dos que leva, que gritando  
Mareiam velas; ferve a gente irada,  
O leme a um bordo e a outro atravessando;  
O mestre astuto em vão da popa brada,  
Vendo como **diante** ameaçando  
Os estava um marítimo penedo,  
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

(*Lusíadas*., c. II, est. 24.)

Diogo de Couto, igualmente utiliza *diante* não com o significado de [encaramento], mas como equivalente a *adiante, à frente*:

«Que ElRey lhe tinha feito merce daquella Ilha, e que ficava pera hir tomar posse della, e que o que disto mais estimava era ficar taõ seu visinho pera de mais perto o servir, que lhe pedia muito tivesse lembrança da sua taõ antiga amisade, e que entendesse que todos os Portuguezes teriaõ nelle muitos favores, e gasalhados, assim em suas fazendas, como em tudo o mais que lhes delle comprisse, e que aquelle Capitaõ que mandava **diante** lhe faria merce favorecer, e ajudar, e que o tratasse como seu vassallo, porque hia fazer certos negocios que lhe importavaõ, pera o que lhe havia de ser necessario seu favor e que se naõ pejasse com elle, porque naõ hia senaõ pera o servir.» (Diogo de Couto, *Décadas*, VI, Liv. I, cap. 6., citado no dicionário de Vieira, 1871)

No mesmo autor, igualmente a utilização de *para diante*, significando *diante*, como hoje, "lugar mais adiante, mais à frente":

«[...] e que pois já estava taõ perto, naõ havia de deixar de o ver, e visitar, e com isso mandou remar pera **diante**.» (Diogo do Couto, *Décadas*, VI, Liv. I, cap. 1, citado no dicionário de Vieira, 1871)

É esta acepção de *diante* que se transformará em vertente temporal, obviamente sem o primitivo [encaramento] característico. O sintagma *ao diante* será talvez uma das construções morfológicas mais antigas desta acepção:

— Ao diante, para o futuro.— «E se acontecer, que estas seãõ pessoas honradas, assy como o Conde meu Filho, ou cada huum dos Meestres, ou Piores, ou Abbades, ou Cavalleiros, ou d'outros de gram conta, por a primeira vez percão a besta, em que andarem, assy como qualquer homem d'outra condiçom, que seja obrigado por esta nossa Hordenaçãõ; e que se a deffender, e a nom quiser leixar aa justiça, seja-lhe coutada em trinta libras; e se for achado que a traz mais ao **diante**, pola segunda vez pague cincoenta mil libras; e se ao **diante** quiser seer perfioso,

contem-lhe a besta per esta guisa das cinquenta mil libras, e façam-no-lo a saber.» (Ordenações Affonsinas, Liv. V, Tit. 119, §25, citado no dicionário de Vieira, 1871)

Bem antiga, mas de grande vitalidade, ainda hoje, é a construção *de T(empo) em diante*, podendo **T** ser expresso por um locativo espacial com valor temporal:

<i>de</i>	<b>T(empo)</b>	<i>em diante</i>
<i>de</i>	<i>aqui (=agora)</i>	<i>em diante</i>
<i>de</i>	<i>aí (=então)</i>	<i>em diante</i>
<i>de</i>	<i>o (tempo do) S. João</i>	<i>em diante</i>
<i>de</i>	<i>o dia em que foram feitos</i>	<i>em diante</i>

Estas mesmas construções aparecem na exemplificação que se segue. Perdoe-se a abundância da mesma que tenciona comprovar como já desde há muito no português, *diante* não possui apenas a vertente espacial de [encaramento]:

«E prometem que El-Rey, mandará daqui en **diante**, que taaes cousas se nom façam; » **Ordenações Affonsinas**, Liv. II, Tit. 1, art. 23.—« e se lho ata agora fizeram alguãs pessoas, manda que daqui em **diante** lho nom façam.» **Ibidem**, Liv. VII, art. 18.—«porem mandamos, que os lavradores, que forem postos por Beesteiros pelos Anadees das Terras, se ouverem conthias de trezentas libras de boa moeda, ou de trezentas desta, e d'hy acima, ou lavrarem com singel de bois, nom sejam Beesteiros daqui en **diante**, nem sejam costangidos pera nos servir; e seja em elles, e em seu querer a escolha de nom serem Beesteiros; e se o quiserem seer, paguem a Jugada, ou Oitavo dês o dito dia de Sam Joham en **diante**.» **Ibidem**, Tit. 29, § 2.—«e em estas cousas diz o Povoo, que recebem grande agravamento: pedem-vos por mercee, que se nom faça d'aqui em **diante**.» **Ibidem**, Liv. 55, § 2.—«e elles, Senhor,. entendem, que vollo guardaarom muy bem dito preito, e menagem, que vos assi fizeram pella guisa, que vollo prometeerom, e guardaarôm daqui em **diante**: porque vos pedem, Senhor, por mercee, que assy o façades vós a elles pela guisa que lho vós promettestes, e o elles merecem.» **Ibidem**, Tit. 59, § 33.—«Pero se dous, ou tres Juizes Alvidros começarem a conhecer do feito, fazendo algum auto Judicial, depois que assy começarem de conhecer do feito, ja mais d'hy em **diante** nom poderá julguar huum sem outro.» **Ibidem**, Liv. III, Tit. 113, § 6.—«Nós, [...], estabelecemos, e poemas por Ley que daqui em **diante** todo homem, que fezer adulterio com alguã molher [...].» **Ibidem**, Liv. V, Tit. 7, § 2.—«Outro sy Tenho por bem e Mando, que daqui em **diante** os sobreditos, e cada huum outro, que aja officio da minha Casa, ou na minha Chancellaria, ou nos meus

Regnos, de fazer Justiça, ou recadar as minhas rendas.» **Ibidem**, Tit. 31, § 3.— «tenho por bem mando-vos, que daqui em **dian**te, se vos for querellado per algum homem, que o outrem ferio, e as feridas parecerem, que vaades logo hu as feridas foram dadas [...]» **Ibidem**, Tit. 34, § 2. —«E por nom fazerem algum engano esses omiziados, defendemos, que do dia que os omizios forem feitos em **dian**te, nom possam esses omiziados vender nem enalhear seus beens, [...]» **Ibidem**, Tit. 61, § 18.— «Outro sy pera tolher atrivimento ao maaos, que daqui em **dian**te nom entendam, que por pouco que dem pollas noveas, que escaparóm [...]» **Ibidem**, Tit. 65.—«[...] dalli por **dian**te tiueram a paz por melhor, que o pouco fruto que tiraram dos aleuantamentos que cada dia faziam, de que se lhes pela mor parte seguio mais danno que proueito.» Damião de Goes, **Chronica de D. Manoel**, Part. IV, cap. 44. — «Estas pazes se juráram, e celebráram em ambos aquelles Reynos de Ternate, e de Tidore, começando dalli em **dian**te a correr em amizade huns com os outros [...]» Diogo do Couto, **Decadas**, IV, Liv. VII, cap. 7.— «Que em nenhum porto, assim do Reyno Guzarate, como dos mais senhorios que possuia, dalli em **dian**te se faria navio algum de guerra [...]» Idem, **Ibidem**, Liv. IX cap. 2. (Citações recolhidas no dicionário de Vieira, 1871)

### 5.3.3.3. A estruturação linguístico-cognitiva de *dian*te temporal

Nesta última acepção temporal, obviamente que desapareceu, na totalidade, o traço [encaramento] que apenas pode existir na dimensão espacial. E que processo linguístico-cognitivo terá eliminado a essência conceptual nuclear [encaramento] que preenche praticamente a totalidade sémica do *dian*te espacial?

A resposta que costuma aparecer é a de que mudando da vertente espacial para a temporal, a palavra perde os traços da espacialidade, substituindo-os, através de um processo metafórico, pelos da temporalidade. Mas isto não é uma **explicação** do fenómeno, mas apenas uma **constatação** do mesmo. Interessa é verificar a **razão** pela qual **cognitivamente** os falantes fizeram (e talvez façam ainda) a neutralização daquilo que mais caracteriza a dimensão original, espacial, de *dian*te, isto é o [encaramento].

A história das línguas ensina-nos que as mudanças não se dão por saltos, mas através de um processo gradativo, lento e inconsciente em relação ao próprio facto da mudança. O falante nunca tem consciência, em qualquer momento, que a língua está a mudar. O que ele detecta na língua são sempre identidades: quando existem duas formas alternativas, elas são vistas como duas identidades sincrónicas<sup>(7)</sup>. O processo de eliminação de uma e imposição de outra é apenas visível diacronicamente. Por isso é

<sup>(7)</sup> A este propósito, ver TEIXEIRA 1996b.



que Saussure dizia que a identidade diacrónica entre a forma antiga que mudou e a nova que a substitui resulta de uma série de identidades sincrónicas.

Fenómeno semelhante se passa frequentemente no processo cognitivo da mutação entre os valores espaciais e os temporais. Nem sempre há saltos, mas, muitas vezes, um processo durante o qual o falante nunca tem a consciência que se está a deslocar de um âmbito para outro. A consciência desse salto só se pode ter posteriormente, ao contrapor-se a vertente espacial à temporal.

Para se compreender como se desenrola tal processo, partamos da fase em que *diante* modeliza o [encaramento] prototipicamente entre duas pessoas. Ora cognitivamente um [encaramento] implica identidade de tempo e espaço para os dois elementos em presença (figura 33):

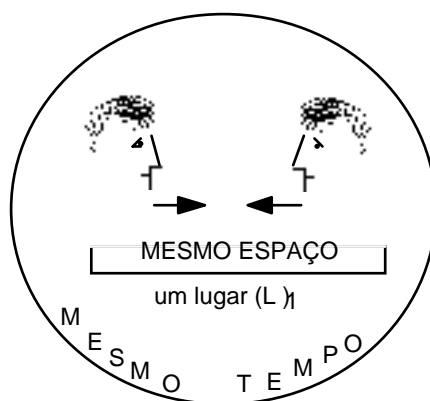


Figura 33: *Diante*

*Adiante* já traduz um modelo mental bastante diferente. Como não há elementos em presença, não pode haver simultaneidade de espaço, mesmo que haja [visibilidade] entre o lugar de referência inicial e o lugar de *adiante*. Em

93) Eu daqui vejo alguém lá *adiante*.

ter-se-á de considerar duplicidade de lugares, embora fisicamente os sujeitos se possam situar num espaço que globalmente seja possível conceber **também** como unitário — uma longa praia, por exemplo.

Relativamente ao tempo, parece poder considerar-se quer a simultaneidade, quer a não-simultaneidade:

94) O Rui **está** aqui, mas a Ana **está** lá *adiante*. (Simultaneidade de tempo)

95) Nós hoje **estamos** aqui em casa, mas **amanhã** vamos até aí *adiante*. (Não-simultaneidade de tempo)

Em pura dimensionalidade geométrica, não é correcta uma análise nesta perspectiva, já que confunde as relações espaço-temporais entre os lugares, com os

estados de coisas que inter-relacionam os mesmos lugares. Ou seja, a não-simultaneidade em 95) é entre o estado de coisas que decorre em *aqui* e o que decorrerá em *adiante*, mas isso relativamente ao elemento *nós*. Entre *aqui* e *adiante* enquanto lugares, puras entidades espaciais, há sempre forçosamente simultaneidade de tempo, porque o modelo mental que traduz *adiante* implica sempre **em simultâneo** a alteridade entre um lugar prospectivo relativamente a um outro. Em concreto, em 95) o *adiante* não é apenas *adiante* quando futuramente o estado de coisas nele se realizar, mas é-o no próprio instante em que funciona como lugar prospectivamente contraposto a um outro (a *aqui*).

Comparativamente com *diante*, *adiante* apresentará, portanto, algumas alterações substantivas:

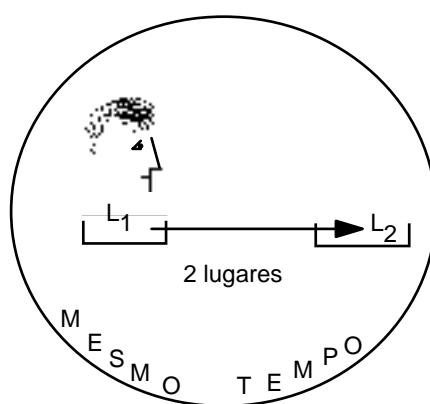


Figura 34: *Adiante* (dimensão geométrica)

Percebe-se, assim, o porquê de ter sido a preposição *a(d)* a desencadear o processo de alteridade espaço-temporal: acrescentando a vertente [distância] a *diante*, anulou o [encaramento] criando a alteridade de lugares.<sup>(8)</sup>

Como é sobejamente conhecido, no entanto, a modelização linguística não se reduz ao euclideanismo matemático, já que não separa em absoluto a espacialidade de um lugar e os estados de coisas que acontecem nesse mesmo lugar. Por isso, é que, para a dimensão linguístico-cognitiva, mais do que Espaço, há **lugares**, já que é sempre num lugar que se desenrolam os estados de coisas (ver 2.8.). Ora em cada estado de coisas, para além do lugar, há tempo, actantes e relações efectivas e potenciais entre todos os elementos (os actantes, o tempo e o espaço-acção=lugar). E porque há estas relações potenciais, em cada modelo mental está sempre presente a equivalência espaço/tempo: ou seja, mais simplesmente, a que tempo corresponde cada espaço. As palavras mais fundamentais para traduzirem na língua natural a distância não têm a própria distância como critério primeiro, mas sim o tempo correspondente à anulação dessa distância pelo sujeito do estado de coisas. Se alguém dentro de um automóvel e na

<sup>(8)</sup> Mais uma vez se pode comprovar como as preposições, por mais insignificantes que possam parecer, não são semanticamente vazias ou incolores, mas originadores de uma vasta gama de relações que interligam a espacialidade, a temporalidade e variados valores nocionais.

nossa cidade, perguntar, estando a um ou dois quilómetros, se o Hospital "é *longe*", a resposta é que não é; mas se a pessoa estiver a caminhar com muletas, então o Hospital, embora se situe fisicamente à mesma distância, já passa a ser *longe*.

É devido a esta correspondência cognitiva espaço-tempo, omnipresente na experiência humana, que, no plano actancial de um estado de coisas, a uma dualidade de lugar corresponde sempre, pelo menos potencialmente, uma dualidade de tempo. E assim, *adiante*, assenta necessariamente também nesta correspondência:

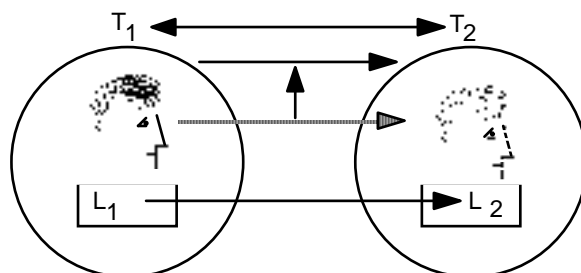


Figura 35: *Adiante* (dimensão linguístico-cognitiva)

A seta contínua entre  $L(\text{lugar})_1$  e  $L_2$  indica a obrigatoriedade da existência de dois lugares, sendo  $L_2$  prospectivo em relação a  $L_1$ . Relativamente ao T(empo),  $T_1$  e  $T_2$ , são simultâneos (seta dupla $\leftrightarrow$ ) quando o estado de coisas não engloba um processo dinâmico (94) O Rui **está** aqui, mas a Ana **está** lá adiante.); são sucessivos (seta $\rightarrow$  tendo  $T_1$  como origem e  $T_2$  como meta) quando  $L_1$  e  $L_2$  são englobados num processo dinâmico. Neste caso (representado pela seta tracejada que obrigatoriamente está ligada ao vector temporal da sucessividade entre  $T_1 \rightarrow T_2$ ) a figura de  $L_1$  será também a figura de  $L_2$ , o que implica mudança de lugar e conseqüentemente mudança de tempo (95) Nós hoje **estamos** aqui em casa, mas **amanhã** vamos até aí adiante.)

A convertibilidade entre espaço e tempo, como se vê, é automática e funciona dentro de cada modelo mental que as lexias localizadores suportam. Não há uns modelos exclusivamente espaciais e outros exclusivamente temporais. Cognitivamente, ainda que nem sempre convertido, o espaço é sempre convertível em tempo. Por isso, é que quase todos os modelos podem ser empregues numa dimensão espacial ou numa dimensão temporal.

Quando, muitas vezes, se fala em metaforização do espaço para representar o tempo, parece entender-se que o modelo primeiro era **apenas** espacial e que depois por um salto qualitativo passou **apenas** a modelo temporal. É uma visão simplificadora dos processos que não explica por que razão toda a gente (e todas as línguas?) dão esse "salto" metafórico. Na realidade, mais do que tal salto metaforizador, o que existe é uma implicação constante e de convertibilidade automática que os nossos mecanismos cognitivos fazem. Entre espaço e tempo, na língua e tal como a Física propõe, não há metaforização, mas implicação. Assim como entre as unidades *pai* e *filho* não há uma relação de metaforização, mas de implicação, também, da mesma forma, o espaço não

simboliza, mas implica o tempo. São antes duas perspectivas de abordar a mesma realidade.

E é assim que **o mesmo modelo** linguístico-cognitivo de *adiante* espacial representa o *adiante* temporal. Não é necessário pressupor a criação de um modelo diferente, criado por um salto metafórico. Apenas focalizar uma vertente ou outra:

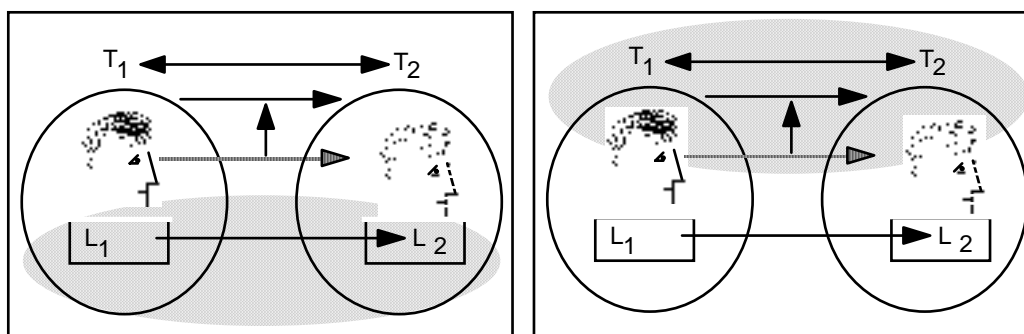


Figura 36: *Adiante* (Focalização espacial)      Figura 37: *Adiante* (Focalização temporal)

Não se pense que a diferença entre a visão tradicional de **metaforização** nas vertentes espaço/tempo e a de **implicação** que agora se propõe é apenas uma questão de terminologia. São antes dois processos intrinsecamente diferentes<sup>(9)</sup>.

Em primeiro lugar, num processo de metaforização a metáfora e o metaforizado pertencem a âmbitos reais diferentes, não havendo obrigatoriedade de coexistência: azeitonas/olhos, candeias/estrelas, braços/ramos das árvores, etc. Ora as relações espaço/tempo pertencem ao mesmo âmbito vivencial-cognitivo e são obrigatoriamente coexistentes. Um não se pode conceber sem o outro.

O processo de metaforização não é obrigatório nem universal: varia muito de língua para língua e (quase) infinitamente de indivíduo para indivíduo. Ao inverso, a relação espaço/tempo é universal e obrigatória: o falante não pode não a escolher, sendo ela imposta por todos os mecanismos linguístico-cognitivos.

Entre a metáfora e o metaforizado há dualidade de modelos mentais, sendo o processo metafórico a construção de um terceiro modelo-síntese.

Na relação espaço/tempo as coisas não se passam da mesma maneira. Não há anulação e síntese entre modelos mentais, mas sim uma correspondência obrigatória, pessoal e universal, entre uma vertente primeira, visual (o espaço) e outra (o tempo) que embora possa ser adquirida por cognição posterior é construída em cima da primeira.

É esta imbricação ontológica espaço/tempo que nos faz sublinhar a não metaforização (no sentido habitual que a palavra tem) deste por aquele. E os resultados da análise proposta para *adiante*-espacial e *adiante*-temporal parecem demonstrar isso mesmo: não há dois modelos, um construído sobre o outro, mas antes duas focalizações ou perspectivas do mesmo modelo. Parece-nos que assim, com um só modelo,

<sup>(9)</sup> Ver, a este propósito, 7.1.

retratamos mais proximamente, porque de uma forma e com uma fórmula mais simples, o processamento linguístico-cognitivo de *adiante*.

#### 5.3.3.4. (A)*diante*: relações morfo-semânticas e modelos mentais

Há pouco foi dito que *ir* se combinava com *para diante* com a presença ou ausência de duas partículas: *lá* e *mais* —*ir (lá) (mais) para diante*. É curioso, a este propósito, verificar como a presença ou ausência daqueles dois elementos introduzem nuances significativas. Numa sala de aula, alguém sentado nas últimas filas pode dizer a quem está junto a si:

96) Vamos mais para diante!

97) Vamos lá mais para diante!

mas mais dificilmente:

98) Vamos para diante!

Ao inverso, o Pedro ao comunicar ao pai que vai, como de costume, para a casa da avó que fica um pouco mais adiante, poderá dizer

99) Ó pai, vou **lá para diante**, para a casa da avó.

100) Ó pai, vou **para diante** (para a casa da avó).

mas não dirá, certamente :

101) \*Ó pai, vou **mais para diante**, para a casa da avó.

O uso com o elemento comparativo (*mais para diante*) pressupõe uma pequena deslocação (numa sala de aulas, por exemplo, relativamente aos lugares da frente), enquanto *ir (lá) para diante* (sem elemento comparativo) implica uma maior distanciação.

Aliás, *para diante* e *adiante* podem designar o mesmo local e a oposição não ser locativa, mas modal, tal como acontece normalmente na oposição entre *ir para/ ir a*. Se, por exemplo, às seis horas da tarde, o Pedro disser à mulher

102) Vou lá **adiante**.

será interpretado "vou, mas volto", ao passo que se disser

103) Vou lá **para** diante.

significará que já não regressa até ao jantar. Como se vê, *para* e *a* continuam a manter a tradicional oposição modal na deslocação com [permanência/ não permanência], o que parece indicar que em *adiante* continua a funcionar, pelo menos aqui, a preposição *a* não só com a sua habitual direccionalidade espacial, mas igualmente com a valoração modal relativa a tal direccionalidade. O que não deixa de ser curioso, porque se *para* e *a* funcionam como elementos (relativamente) independentes, então o *diante* de *para diante* terá que ser igual ao *diante* de *adiante*.

De certa forma isto prova o artificialismo criado pela tradição normativa e ortográfica na noção de palavra: se *para diante* são duas palavras, por que razão *adiante* é apenas uma, aparecendo lexicograficamente em oposição a *diante*? Não será mais correcto aceitar que *diante* corresponde a uma estrutura lexical que possui como submodelos significativos *adiante*, *por diante*, *de diante*, *para diante*, etc.? O que terá lógica será opor os submodelos entre si, e não opor um submodelo (*adiante*) ao modelo geral (*diante*) como se fossem realidades do mesmo plano.

Isto parece justificar as relações morfo-semânticas que mais adiante estabeleceremos entre *frente/trás* e respectivos constructos morfológicos (capítulo 6.). As relações entre *diante* e as formas derivadas obedecem, assim, ao mesmo padrão configurativo:

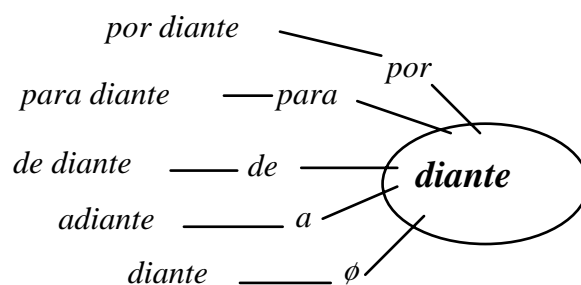


Figura 38

É dentro desta problemática que se coloca, a nosso ver, a seguinte questão: em muitos casos, *adiante* não será apenas uma variante fonética alomórfica de *diante*?

Já vimos que a essência do modelo de *diante* engloba [encaramento] e apenas um lugar; o oposto para *adiante*, que implicando [distância] implica igualmente dois lugares e [não-encaramento].

No entanto, *diante* pode equivaler a *adiante*. O localizador *para diante*, "estranhamente", implica sempre o modelo de *adiante* ([distância], [dois lugares], [não-encaramento]) e não o de *diante*, como aparentemente deveria ser. Consequentemente, a construção *ir para mais à frente* deveria ser traduzida por *ir para adiante*, já que *mais à frente* equivale a *adiante* e não a *diante*. Contudo, o usual é *ir para diante*.

Aliás, as únicas razões da aceitabilidade (ou não) que em construções com um verbo de movimento distinguem *diante* de *adiante*, parecem ter a ver

exclusivamente com critérios puramente formais da construção morfológica, já que em todos os casos, quer se imponha *adiante*, quer prevaleça *diante* ou haja dupla aceitabilidade, o modelo é sempre o de *adiante*, ou seja, {[+distância], [dois lugares], [não-encaramento]}:

- 104) \*Vamos mais diante.
- 105) Vamos mais adiante.
- 106) Vamos (mais) para diante.
- 107) ?Vamos (mais) para adiante.
- 108) Vamos lá adiante.
- 109) Vamos lá diante.

É interessante verificar como num inquirido que a seguir se fará referência, um inquirido (em 129) "confundiu", em contexto não neutralizável, *diante* com *adiante*. Numa frase que, em princípio, deveria ser completada com *à frente* ou com *adiante* (*O atleta C partiu à frente/adiante dos outros*) um aluno preferiu *partiu diante dos outros*.

Compreende-se que a equivalência *diante/adiante* se verifique sobretudo com verbos de movimento, já que num estado de coisas deste género o próprio [movimento] indica que o modelo prototipicamente não deve conter [encaramento] mas o traço oposto. Ou seja, com [movimento] num estado de coisas, deixa praticamente de haver opção entre dois modelos (*diante/adiante*), impondo-se, por princípio, o modelo que contém [não-encaramento] —no caso vertente, *adiante*. Por isso, é que mesmo que apareça *diante* o falante sabe que aquele *diante* corresponde, melhor, é *adiante*.

Mas a prova mais subtil —e mais evidente— que a mesma forma fonética pode corresponder a dois modelos semântico-cognitivos diferentes, está na ambiguidade possível da construção *ir para diante*. Numa frase como

- 110) Ó pai, **vamos para diante**, para a casa da avó!

*diante* corresponde a *adiante*, já que implica {[+distância], [dois lugares], [não-encaramento]}. Mas *diante*, na mesma fórmula morfológica *ir para diante*, desde que em outras contextualizações, como

- 111) **Vamos para diante** da Câmara fazer uma manifestação!

já implica [encaramento] e toda a prototipicidade do respectivo modelo mental. Ou seja, aqui *diante* é realmente *diante*.

No esquema da figura 39 representa-se o modelo original de *diante* e a respectiva transformação em *adiante*:

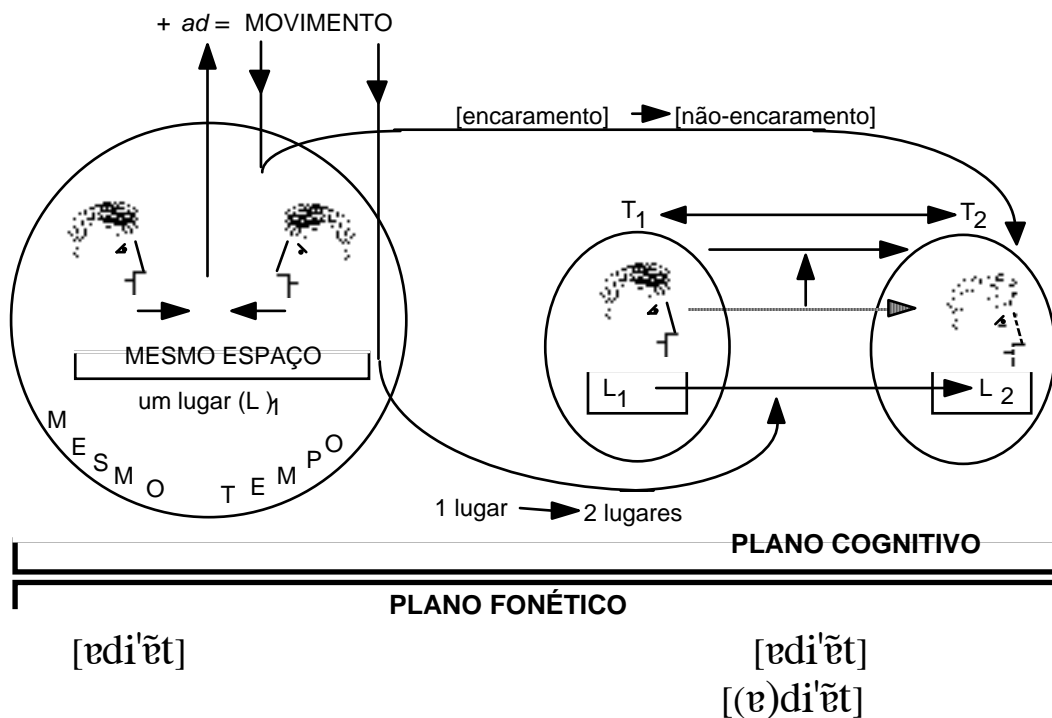


Figura 39

Há a confirmar, primeiro que tudo, uma evidência a que já nos referimos: foi a junção de *ad*=[movimento] que originou as transformações indicadas.

Repare-se como os dois modelos são complementares, compatíveis e implicativos. Assim, os mecanismos cognitivos do falante não têm que manipular duas estruturas (ou cinco subestruturas) desligadas e independentes (*diante*, *adiante*-Espaço, *adiante*-Tempo, *diante*-Espaço=*adiante*, *diante*-Tempo=*adiante*), mas apenas um encadeamento de implicações, percebidas como "naturais", resultantes do [movimento] acrescentado.

Representa-se também como o modelo mental de *adiante* pode, no plano fonético, ser traduzido, quer por *adiante*, quer por *diante* (*(a)diante*), tendo esta forma fonética de ser considerada apenas como variante fônica de *adiante* e não identificada com o verdadeiro *diante* (como fazem todos os dicionários). Segue-se, portanto, que, em rigor, a oposição entre os dois modelos não é lexicalmente expressa pelo par *diante/adiante*, mas por *diante/(a)diante*.

A propósito, refira-se que *diante*-T(temporal) da já referida construção *de T em diante*, equivale a *de T em adiante*, já que, obviamente, não pode haver [encaramento], possuindo, ao inverso, o respectivo modelo todos os elementos temporais de *adiante*.

Esta construção só pode ter valor temporal. Mesmo quando T é substituído por L(ugar), o valor final é temporal, sendo L interpretado como o T correspondente:

L=T: *de aqui em diante* = *de agora em diante*



Quando L não pode ser interpretado como um T, a construção não é aceitável (na perspectiva temporal):

112) *?do centro do país em diante*

Pode aparecer L, mas apenas quando há a possibilidade de corresponder a um T:

113) Ao princípio, o atleta ia num grupo de cinco, mas do meio da pista em diante correu sozinho até à meta. (meio da pista: tempo em que alcançou o meio da pista)

114) (Íamos de Braga para Coimbra.) Do Porto em diante, choveu sempre. (*Porto*= tempo de passagem no Porto)

Pela estruturação dos modelos mentais de *diante* e *adiante* se vê a importância que o movimento neste último detém. Por isso mesmo, e ao contrário do que Cifuentes Honrubia detecta no espanhol, em português, *adiante* aparece inserido nos localizadores que servem como termos de partida de um movimento. Segundo Cifuentes Honrubia é a indeterminação que *adelante* possui, em espanhol, que faz com que este localizador não possa funcionar como termo de partida:

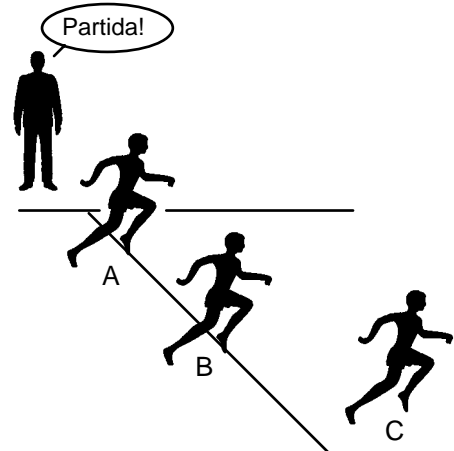
Su uso parece restringirse a articular el término de llegada de un verbo direccional (*vamos adelante, vamos hacia adelante*); resulta obvio que no pueda funcionar como término de partida, ya que la partida siempre está tempo-espacialmente determinada (*\*viene de adelante, \*salió de adelante*). (Honrubia 1996:130)

Em português, parecia-nos que *adiante* poderia funcionar como termo de partida. No entanto, a forma categórica como Cifuentes Honrubia nega esta possibilidade para o espanhol e o receio de apenas se poder apresentar uma intuição, necessariamente subjectiva, levaram-nos a testar esta hipótese.

Assim, pediu-se a um conjunto de alunos<sup>(10)</sup> que completassem uma legenda que deveria descrever determinada situação. Concretamente, a seguinte:

<sup>(10)</sup> Quatro turmas do primeiro ano dos Cursos de Ensino (Letras), ano lectivo 1996/97.

Complete a legenda para a figura com uma das palavras ou expressões:

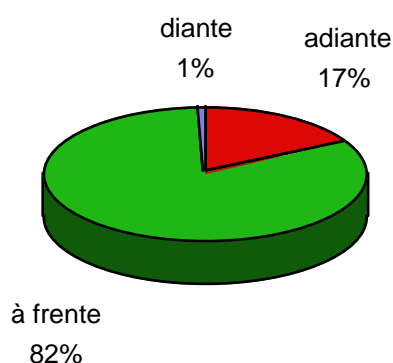
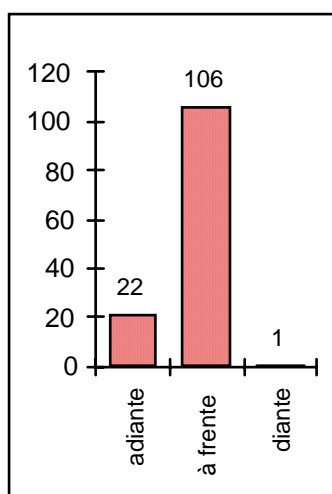


- *trás*
- *frente*
- *diante*
- *à frente*
- *adiante*
- *atrás*

O atleta C partiu \_\_\_\_\_ dos outros.

Para não serem influenciados, aos inquiridos não foi dada qualquer informação sobre a finalidade do teste. E neste, procurou-se acompanhar as verdadeiras unidades em confronto (*à frente/adiante*) com outras, para que o inquirido não se desse conta que era apenas entre estas últimas que ele tinha que escolher.

Os resultados confirmaram a intuição de que como termo de partida, embora o localizador mais utilizado seja *à frente*, *adiante* também pode ser utilizado. Os resultados em números totais de respostas e em percentagem relativa:



Terá forçosamente que se concluir que *adiante* não é apenas possível como termo de partida, mas que pode mesmo ser o termo **preferencial** para uma faixa significativa de falantes.

Não é contra-argumento dizer-se que *partir adiante* equivale a *partir estando adiante* e que, no fundo, *adiante* se combina realmente com um verbo estativo. Nesta perspectiva, todos os localizadores espaciais são estativos, porque *correr à*

*frente/atrás de todos* equivale a *correr estando à frente/atrás de todos* ou *andar por cima/por baixo da ponte* equivale a *andar estando por cima/por baixo da ponte*.

Não se quer provar com isto que é aquela a percentagem de utilização de *diante* como termo de partida ou mesmo que a referida percentagem traduz a utilização geral. Apenas se procurou comprovar que é **possível que alguns falantes utilizem *adiante*** neste contexto sintático-semântico em percentagem significativa. Aliás, estamos convencidos que se no teste não aparecesse à *frente*, a percentagem de escolha de *adiante* rondaria os 100%. No entanto, um tal teste sem este que aqui se apresenta não provaria que tal como à *frente*, *adiante* também pode aparecer como localizador de partida, mas apenas que entre os apresentados (nesse caso *partir frente/ diante/ adiante*) era o mais aceitável.<sup>(11)</sup>

Tudo isto parece tornar lícitas as seguintes conclusões:

- 1) *Diante* e *adiante* constituem dois modelos espaço-temporais diferentes;
- 2) O modelo de *adiante* é cognitivamente derivado do de *diante* através das implicações de [movimento];
- 3) Em virtude da semelhança fonética e também pelo facto de os dois modelos mentais partilharem vários aspectos, *diante* pode equivaler a *adiante*.
- 4) Nestes casos, *diante* deveria ser lexicologicamente vista como uma variante alomórfica a nível fonético de *adiante* e não como uma unidade lexicalmente diferenciada e opositiva.

#### 5.4. *Diante/ante/perante*: equivalências e oposições

##### 5.4.1. [encaramento] e neutralização da orientação intrínseca

*Diante (de)* parece ter como equivalentes dois outros localizadores: *ante* e *perante*:

- 115) O réu compareceu diante do juiz.
- 116) O réu compareceu ante o juiz.
- 117) O réu compareceu perante o juiz.

O que é comum aos três localizadores, para além de partilharem o eixo da frontalidade, é o facto de exigirem uma situação de encaramento: Fg e Cfg encontram-se obrigatoriamente face a face. Assim (figura 40),

---

<sup>(11)</sup> Aparece, como se indicou, uma resposta "*diante*". A "confusão" com *adiante* é explicável pelo facto de *diante* também poder não implicar [encaramento] tornando-se assim, como há pouco vimos, quase seu equivalente.

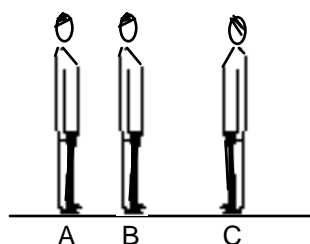


Figura 40

- 118) B está à frente de/ante/perante/diante de C.  
 119) C está à frente de/ante/perante/diante de B.  
 120) B está à frente de/\*ante/\*perante/?diante de A.

Por isso é que *frente* e *adiante* podem admitir gradatividade (*adiante* prefere mesmo este uso)

- 121) Vês o João? A Ana está mais à frente.  
 122) Vês o João? A Ana está mais adiante.

mas *diante de/ante/perante* não:

- 123) \*A Ana está mais diante do João.  
 124) \*A Ana está mais perante o João.  
 125) \*A Ana está mais ante o João.

É que enquanto à *frente/adiante* não implicam [encaramento], *diante/perante/ante* implicam-no. Assim sendo, compreende-se que a distância representada por à *frente/adiante* possa ser gradativamente entendida (*mais à frente/adiante*); o [encaramento] de *diante/perante/ante* não o permite: ao contrário do que acontece com a vertente [distância], não pode haver gradatividade quando se trata de [encaramento]. Ou há, ou não há.

Mas o que é que se deve entender por [encaramento]?(<sup>12</sup>)

A resposta parece ser óbvia: o face a face entre Fg e Cfg situados num mesmo plano. Sem objectos de permeio. Honrubia vai neste sentido ao dizer que

«delante» y «enfrente» [...] señalan un contacto perceptivo-funcional —no físico: se necesita una distancia física—, sin ningún objecto intermedio, entre dos objectos que se encuentran situados en un mismo eje perspectivo anterior. (Honrubia 1996:132)

(<sup>12</sup>) O termo espanhol "encaramiento" é utilizado em Honrubia (1996:131 e segs.). Ao colocá-lo entre parênteses rectos, [encaramento], estamos a referir o seu estatuto de traço/vertente/elemento concorrente de um modelo mental que traduz determinado localizador espacial.

No entanto, nos casos típicos dos usos de *diante*, há objectos **entre** a Fg e o Cfg: *X ante/perante o juiz* admite, normalmente que entre X e o juiz haja uma secretária por trás da qual o juiz está; *os noivos ante/perante o sacerdote* admite que entre os noivos e o sacerdote possa haver um altar (que muitas vezes polariza a situação, sendo *perante o sacerdote* substituído por *perante o altar*). Do mesmo modo, duas pessoas podem estar *uma perante a outra* sentadas a uma mesma mesa que fisicamente as separa.

Como facilmente se deduz destas situações, o [encaramento] é compatível com a existência de objectos entre os elementos em confronto, **desde que esses objectos não impeçam o respectivo inter-relacionamento**. Fig e Cfg continuam na mesma zona de actuação.

Reveste-se, aliás, da maior importância esta vertente de "zona de actuação" para qualquer localizador espacial e mormente para os que exigem [encaramento].<sup>(13)</sup>. Mesmo que se cumpram todas as outras condições, se os actantes não estiverem na mesma zona de actuação, não pode um ser considerado *ante/diante/perante* o outro. Imaginemos que durante um jogo de andebol o João repara que nas bancadas do outro lado do recinto desportivo, que ficam à sua frente, está o seu amigo Zé. Imaginemos, até, que se reconhecem e estão a olhar um para o outro. Embora seja aceitável o João dizer

126) O Zé estava do outro lado, à minha frente.

não possui a mesma aceitabilidade

127) \*O Zé estava do outro lado, perante mim.

128) \*O Zé estava do outro lado, ante mim.

129) \*O Zé estava do outro lado, diante de mim.

E quando existe um objecto que impede totalmente o contacto entre Fg e Cfg?

Se cada um estiver em lados opostos de uma parede maior do que eles, não há [encaramento]. E se a parede for, por exemplo, de vidro transparente de modo que os dois se possam ver?—(imaginemos um gigantesco aquário ou uma parede de vidro que separa os reclusos de uma prisão das visitas). Neste caso, serão aceitáveis construções como

130) Ele estava junto ao vidro, mas ante/perante/diante do tubarão, recuou.

131) O preso ante/perante/diante do filho, não pode conter as lágrimas. (entre o preso e o filho havia uma parede de vidro)

<sup>(13)</sup> Ver, a este propósito, a estruturação do modelo do encaramento (de *frente/trás*) proposto (4.2.2.4.).

Aqui há um obstáculo que impede qualquer interacção, **excepto a visual**. Assim sendo, esta parece ser suficiente para o [encaramento], e assim permitir o uso de *ante/diante/perante*, o que prova a importância da cognição visual na estruturação dos nossos modelos mentais.<sup>(14)</sup> Se em vez de se verem, os intervenientes apenas se ouvissem, não poderia existir nunca [encaramento], impossibilitando a utilização de *ante/diante/perante*.

Note-se ainda que, estando os actantes fisicamente separados, havendo mesmo uma parede que divide fisicamente o espaço em dois (dentro/fora do aquário e da prisão), é a interacção visual a única responsável pela criação, nestes casos, de zonas de actuação consideradas individualizadas, quer para a relação tubarão-visitante, quer para a relação preso-filho.

A vertente [encaramento] parece, por princípio, ser incompatível com [contacto físico]. A ser assim, esta dimensão configurativa estaria fora dos marcadores agora em análise. Confirmando isto, Honrubia diz que este aspecto parece ser exclusivo do eixo vertical superior e de mais alguns outros locativos sobretudo com valores nocionais e modais<sup>(15)</sup>. Sendo isto essencialmente verdade, não deixa, porém, de ser pertinente recorrer a este aspecto, [contacto físico], na medida em que ele, como consequência do que até aqui foi dito, se coaduna diferentemente em relação a *adiante/à frente*, por um lado e a *ante/perante* por outro.

Cognitivamente compreende-se que o contacto físico seja fulcral para o eixo da verticalidade superior e não o seja para o da frontalidade. Na verdade, naquele eixo a posição habitual entre a Fg e o Cfg é este ser suporte daquela: *X em cima de Y* equivale a *Y (Cfg) suporta X (Fg)*. A gravidade a isto obriga.

Como a gravidade não é factor interventivo para a estruturação do eixo da frontalidade, o contacto físico não é apenas não-habitual, mas mesmo anti-natural. Na realidade, neste eixo, a posição habitual entre a Fg e o Cfg é este estar afastado daquela: *X à frente/atrás de Y* equivale a *X (Fg) está colocado na vertente frontal/posterior de Y (Cfg)*, não se indicando uma distância prototipicamente existente. Ou seja: enquanto em *X em cima de Y* a expectativa da distância tende para o zero, em *X à frente/atrás de Y* essa mesma expectativa pode corresponder, por princípio, a todos os valores, excepto zero.

E se a distância for zero? Obviamente, que também se podem utilizar os localizadores da frontalidade.

Mas não todos. Os interlocutores da situação seguinte podem verbalizá-la através de algumas possibilidades:

---

(14) Ver a importância atribuída à visão, quer na constituição da noção de *frente* (4.2.2.1.), quer na estruturação do modelo original e do encaramento (4.2.2.4.).

(15) Honrubia 1996:131.

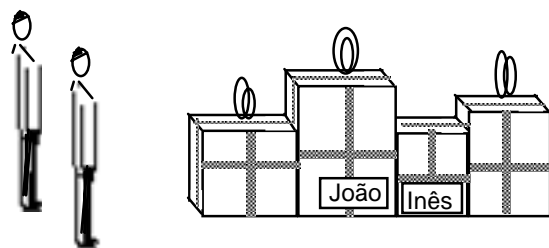


Figura 41

- 132) A prenda da Inês está à frente da do João.  
 133) A prenda do João está atrás da da Inês.  
 134) \*A prenda da Inês está perante a do João.  
 135) \*A prenda do João está perante a da Inês.  
 136) \*A prenda da Inês está ante a do João.  
 137) \*A prenda do João está ante a da Inês.

O contraste de aceitabilidade entre 132)-133) e 134)-137) deve-se ao facto de, como já anteriormente se viu e agora se confirma, *ante/perante* exigirem [encaramento] dentro de uma direccionalidade horizontal. E embora as caixas das prendas possam receber a direccionalidade dos interlocutores (inserindo-se, portanto, num eixo *frente/trás*) não têm cara, não podendo, conseqüentemente, participar de um qualquer encaramento.

E *diante*, nesta situação, como se comporta?

À primeira vista, deve fazer parte do grupo *ante/perante* que exige [encaramento]. Aplicada à situação que a figura 41 representa, uma frase como

- 138) ?A prenda da Inês está diante da do João.

terá poucas probabilidades de ser seleccionada pelos falantes

No entanto, como ainda há pouco se viu (5.5.3.4.), *diante* pode facilmente passar para o grupo *à frente/adiante* que não exige [encaramento]. E sendo assim, é possível ser utilizado (embora raramente o seja) como equivalente a *a seguir/à frente/adiante*. Nesta perspectiva se compreende que possam aparecer usos como

- 139) A prenda da Inês está a seguir/à frente/adiante/diante da do João.

Este funcionamento de *diante* explica uma certa "confusão" com *adiante* e justifica usos como o que apareceu num teste já apresentado (em 5.5.3.4.). A **preferência**, aparentemente inexplicável, como aconteceu, por *diante* relativamente a *à frente* e a *adiante* com um verbo de movimento, resulta da anulação do traço [encaramento] e a conseqüente inserção de *diante* nos localizadores de direccionalidade (*a seguir/à frente/adiante*).

Não é bem idêntico, contudo, o comportamento dos três localizadores (*diante* e *ante/perante*) mesmo relativamente ao traço [encaramento] partilhado por

todos. *Diante* nem sempre obriga a encaramento, talvez pelo facto de muitas vezes aceitar Configurantes com [-humano]:

140) Olha, estamos mesmo diante da farmácia!

E embora o Configurante possua sempre uma orientação, muitas vezes as Figuras podem ser intrinsecamente não-orientadas:

141) Mesmo diante da igreja, havia duas enormes árvores.

142) Diante de mim, estendia-se uma planície a perder de vista.

Nesta vertente de *diante*, por conseguinte, a Figura pode não possuir uma orientação intrínseca ou mesmo situacional. Neste caso, *diante* não implicará [encaramento], mas apenas [Fg encarada], podendo a Figura não possuir orientação ou possuindo-a ser tal orientação anulada. Neste caso, *diante* torna-se equivalente a à *frente do olhar* e permite usos como

143) Não te ponhas diante de mim que quero ver televisão!

mesmo quando quem está "diante" tem as costas voltadas para o Configurante.

Pode falar-se, nestes casos de **neutralização da orientação intrínseca**: ao objecto intrinsecamente orientado, em determinada situação, é anulada a orientação intrínseca que possui, sendo então conceptualizado como desprovido de qualquer orientação. Comprove-se na seguinte situação:

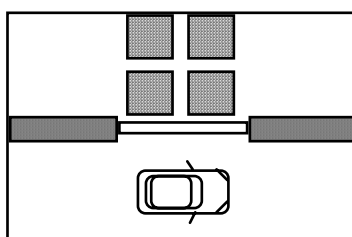


Figura 42

144) Está um carro parado diante do portão da tua casa.

Como se constata, a Fg (carro) embora possua uma frente intrínseca, não está numa situação de [encaramento] com o Cfg (portão). E note-se que a orientação intrínseca deste (que é o que permite o uso de *diante*) é muito menos forte que a do carro.

Numa neutralização de orientação intrínseca não há reversibilidade entre Fg e Cfg. Ou seja, *X diante de Y* só é equivalente a *Y diante de X* quando há [encaramento]. Assim, na situação de cima, passando a Fg a ser Cfg origina uma construção não aceitável:



145) \*O portão da tua casa está mesmo diante do carro.

Este facto não se deve à diferença de tamanho, mobilidade ou outro qualquer factor que usualmente impede a troca entre Fg e Cfg, como já se viu (3.5.). A prova temo-la se verificarmos que com uma situação de [encaramento] a Fg pode passar a ser o Cfg e vice-versa:

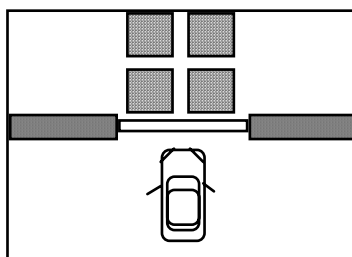


Figura 43

146) O portão da tua casa está mesmo diante do carro.

Conclui-se, portanto, que *diante* pode não apenas não exigir um objecto intrinsecamente não orientado, como mesmo permitir anular a orientação intrínseca nos que a possuem. Mas isto apenas no objecto-Fg, nunca no objecto-Cfg. É esta vertente que, assim, (e recuperando uma situação anterior) permite dizer (figura 44)

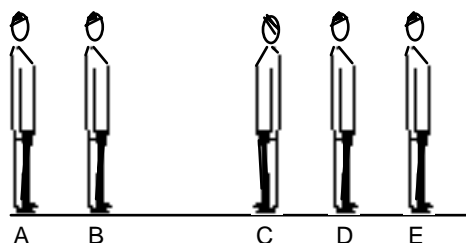


Figura 44

147) B está diante de A.

e tornar plausível

148) B, C, D e E estão diante de A.

Ou seja, dependendo da perspectiva adoptada, {E} e {B} podem ser considerados *diante de* {A} ou não.

Ao falar-se de [encaramento], quando se pretende contrapor *ante/perante* aos outros localizadores, deve notar-se que este traço, nestes marcadores, não tem apenas a ver com a posição relativa de face a face dos elementos da configuração. É necessário que tal face a face se insira na posicionalidade canónica dentro do eixo da verticalidade. Ou seja, o [encaramento] só funciona quando integrado na vertente vertical, o que prova que aquele traço-situação não vale por si, mas apenas como

elemento indissociável de todo um modelo mental configurativo. Numa situação pode haver "face a face" e não haver [encaramento], não sendo admissíveis os marcadores *ante/perante* se a posição canónica dos figurantes não fizer parte do modelo que traduz a situação:

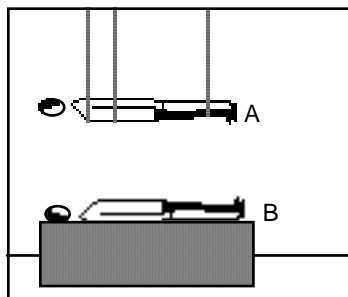


Figura 45

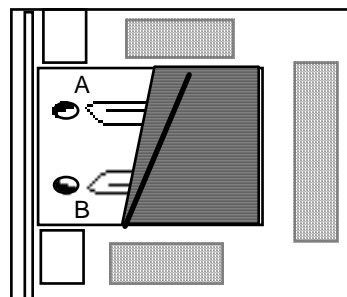


Figura 46

149) A está pendurado por cima de B.

150) B está por baixo de A.

151) \*B está ante/diante/perante A.

152) \*A está ante/diante/perante B.

153) A está deitado ao lado de B.

154) B está ao lado de A.

155) \*B está ante/diante/perante A.

156) \*A está ante/diante/perante B.

#### 5.4.2. [encaramento] e localização hierarquizante

Os aspectos comuns entre *ante/diante/perante* não implicam que os três localizadores sejam iguais. *Diante (de)*, em primeiro lugar, detém uma frequência de utilização muito maior. E não é apenas por uma questão de opção dos falantes entre possibilidades funcionalmente idênticas, mas devido ao facto de *ante/perante* especializarem o sentido de *diante*.

Em primeiro lugar, *ante/perante* referenciam prototipicamente o encaramento de uma Fg relativamente apenas a Configurantes com o traço [+humano], ao passo que *diante* não:

157) Onde estou? Estou a telefonar no carro, diante da farmácia.

158) \*Onde estou? Estou a telefonar no carro, ante (d)a farmácia.

159) \*Onde estou? Estou a telefonar no carro, perante (d)a farmácia.

O Cfg [+ humano] coincide prototipicamente com um referente humano ou com uma equivalência metonímica:

160) O réu compareceu ante/perante o Tribunal.

161) A noiva, compareceu perante/ante o altar.

Pode ainda em situações já menos prototípicas, o Cfg ser qualquer elemento que represente uma vertente [+humana] que possibilita uma inter-relacção:

162) Fiquei mudo perante/ante aquele quadro!

Fg e Cfg podem mesmo não ser humanos, mas possíveis de interacções de tipo humano ou animado:

163) O leão, ante/perante o elefante, preferiu recuar.

Tem que haver sempre, no entanto, possibilidade de interacção. Mesmo que o traço [+humano] seja pertença quer da Fg quer do Cfg, não havendo possibilidade de interacção não é aceitável *ante/perante*:

164) \*Os dois homens estavam ali desmaiados um ante/perante o outro.

165) Ante/perante o cadáver, estava ele ... (implica ele=não morto; um morto não se concebe como podendo estar *perante/ante* um cadáver)

A necessidade da existência da possibilidade de interacção entre Fg e Cfg é exigida pelo facto de a relação entre os elementos Configurantes e a configurar ser uma relação não apenas localizadora, mas também hierárquica. É que estes dois localizadores (*ante/perante*) implicam que ao Cfg seja reconhecida uma situação de superioridade baseada numa qualquer vertente de poder relativamente à Figura:

166) O réu compareceu ante/perante o juiz.

167) A noiva, perante/ante o sacerdote, disse que sim.

168) Os súbditos ajoelharam-se ante/perante a rainha.

Mas

169) \*O juiz estava ante/perante o réu.



170) \*O sacerdote, perante/ante a noiva, ouviu o sim.

171) \*A rainha estava ante/perante os súbditos que se ajoelhavam.

### 5.5. Marcadores da frontalidade (prospectiva) e [encaramento]: quadro síntese

Num quadro sintetizador, poder-se-ão colocar alguns dos principais localizadores do vector prospectivo do eixo frontal e as respectivas possibilidades de [encaramento]. Depois dele, são apresentados os exemplos correspondentes:

	Estar		Ir		Vir		Andar	
	[enc.]	[pr.]	[enc.]	[pr.]	[enc.]	[pr.]	[enc.]	[pr.]
1. <i>frente a</i>	[→ ←]						[→ ←]	
2. <i>frente a frente com</i>	[→ ←]							
3. <i>em frente de</i>	[→ ←]		?[→ ←]		?[→ ←]		[→ ←]	
4. <i>em frente a</i>	[→ ←]		?[→ ←]		?[→ ←]		[→ ←]	
5. <i>de frente para</i>	[→ ←]		[→ ←]		[→ ←]		[→ ←]	
6. <i>à frente de</i>	[→ ←]	[→ →]		[→ →]		[→ →]	[→ ←]	[→ →]
7. <i>diante</i>	[→ ←]		[→ ←]		?[→ ←]		[→ ←]	
8. <i>adiante</i>		[→ →]		[→ →]		?[→ →]		[→ →]
9. <i>para diante</i>		[→ →]		[→ →]				[→ →]
10. <i>por diante</i>				[→ →]		[→ →]		?[→ →]
11. <i>ante</i>	[→ ←]		[→ ←]		?[→ ←]		?[→ ←]	
12. <i>perante</i>	[→ ←]		[→ ←]		?[→ ←]		[→ ←]	

[→ ←]= [encaramento]=  ; [→ →]= [prospectividade]= 

(1.E.e. - =localizador 1.(=*frente a*) do verbo E(star) implicando e(ncaramento);

8.E.p. - =localizador 8.(=*adiante*) do verbo E(star) implicando p(rospectividade= não-encaramento)

- 1.E.e. - A Inês está frente a mim.
- 2.E.e. - A Inês esteve frente a frente com o fantasma.
- 3.E.e. - A Inês está em frente da Eva.
- 4.E.e. - A Inês está em frente à Eva.
- 5.E.e. - A Inês está de frente para a Eva.
- 6.E.e. - A Inês está à frente da Eva.
- 6.E.p. - A Inês está à frente da Eva.
- 7.E.e. - A Inês está diante da Eva.
- 8.E.p. - A Inês está lá adiante.
- 9.E.p. - A Inês está lá para diante.
- 11.E.e. - A Inês está ante o juiz.
- 12.E.e. - A Inês está perante o juiz.

- 3.I.e. - ?A Inês foi em frente da Eva.
- 4.I.e. - ?A Inês foi em frente à Eva.
- 5.I.e. - O forçado foi de frente para o toiro. (=investir contra)
- 6.I.p. - A Inês foi à frente da Eva.
- 7.I.e. - A Inês foi diante da Eva.
- 8.I.p. - A Inês foi lá adiante.
- 9.I.p. - A Inês foi lá para diante.
- 10.I.p. - Vai por diante, não desanimes!
- 11.I.e. - A Inês foi ante o juiz (e disse...).
- 12.I.e. - A Inês foi perante o juiz (e disse ...).

3.V.e. - ?A Inês veio em frente da Eva.

- 4.V.e. - ?A Inês veio em frente à Eva.
- 5.V.e. - O toiro veio de frente para forçado. (=investir contra)
- 6.V.p. - A Inês veio à frente da Eva.
- 7.V.e. - ?A Inês veio diante da Eva.
- 8.V.p. - A Inês veio adiante da Eva.
- 10.V.p. - Para chegares cá, vens por diante do tribunal e depois viras à direita.
- 11.V.e. - ?A Inês veio ante o juiz.
- 12.V.e. - ?A Inês veio perante o juiz.

- 1.A.e. - A Inês andava impaciente frente à montra.
- 3.A.e. - A Inês andava em frente da Eva.
- 4.A.e. - A Inês andava em frente à Eva.
- 5.A.e. - A Inês andava de frente para a Eva.
- 6.A.e. - A Inês andava à frente da Eva.
- 6.A.p. - A Inês andava à frente da Eva.
- 7.A.e. - A Inês andava diante da Eva.
- 8.A.p. - A Inês andava lá adiante.
- 9.A.p. - A Inês anda lá para diante!
- 10.A.p. - ?Não podemos parar. É preciso andar por diante.
- 10.A.p. - É preciso andar por diante com o projecto!
- 11.A.e. - ?A Inês andou ante todos, que ficaram admirados.
- 12.A.e. - A Inês andou perante todos, que ficaram admirados.